



**Universidade de Brasília**

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Monografia de Conclusão de Curso

Prof. Orientador: Luiz Paulo Ferreira Noguerol

## **A INGLÓRIA QUEDA DE MONTEZUMA XOCOYOTZIN**

MARCELO DE BRITO FREITAS

Brasília  
Novembro, 2019

MARCELO DE BRITO FREITAS

Orientador: Professor Doutor Luiz Paulo Ferreira Noguerol

## **A INGLÓRIA QUEDA DE MONTEZUMA XOCOYOTZIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em História.

Data da Defesa Oral: 26 de novembro de 2019.

Brasília  
2019

MARCELO DE BRITO FREITAS

**A INGLÓRIA QUEDA DE MONTEZUMA XOCOYOTZIN**

A banca examinadora de conclusão de trabalho de graduação em História decide pela

aprovação

reprovação

da monografia A INGLÓRIA QUEDA DE MONTEZUMA XOCOYOTZIN, de Marcelo de Brito Freitas.

Banca examinadora:

---

Orientador: Professor Doutor Luiz Paulo Ferreira Noguezól – UnB

---

Membro titular: Professor Doutor Carlos Eduardo Vidigal - UnB

---

Membro titular: Professor Doutor Tiago Luis Gil

Data da defesa: 26 de novembro de 2019.

Brasília  
2019

MARCELO DE BRITO FREITAS

### **RESUMO**

A queda da Civilização Asteca, um dos mais brilhantes impérios da América pré-colombiana, quiçá de todo o mundo moderno, teve, conjecturalmente, inúmeras razões que vão desde o choque religioso a até mesmo decisões políticas equivocadas. Não obstante a conquista do México mereça ter uma análise bem aprofundada em todos os seus aspectos, dedicamos esta singela pesquisa à reflexão sobre os impactos das decisões tomadas por Montezuma II, pelo lado asteca, perante o avanço agressivo de Hernán Cortez desde o seu desembarque na Ilha de Cozumel até a sua chegada à poderosa cidade de Tenochtitlán. Com efeito, avaliaremos os reflexos e consequências que a suposta postura omissa e submissa de Montezuma em face de Cortez teve na destruição de um império, e também as possíveis causas que motivaram tal posicionamento, juntamente com a sua real contribuição para a submissão de uma sociedade com um nível de desenvolvimento notável para apenas algumas centenas de espanhóis.

**PALAVRAS-CHAVE:** asteca, conquista, estratégia, mentalidades, México.

## **ABSTRACT**

The fall of the Aztec Civilization, one of the most brilliant empires in pre-Columbian America, perhaps of the entire modern world, had, conjecturally, countless reasons ranging from the religious shock to even mistaken political decisions. Although the conquest of Mexico deserves a thorough analysis in all its aspects, we dedicate this simple research to the reflection on the impacts of the decisions made by Montezuma II, on the Aztec side, against the aggressive advance of Hernán Cortez since his landing in Cozumel Island until its arrival in the powerful city of Tenochtitlán. Indeed, we will evaluate the reflexes and consequences that Montezuma's alleged omissive and submissive stance towards Cortez had on the destruction of an empire, and also the possible causes that motivated such position, along with its real contribution to the submission of a society of remarkable development for only a few hundred Spanish soldiers.

**KEYWORDS:** Aztec, conquest, strategy, mentality, Mexico.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>2</b>
<b>CAPÍTULO 1- A CIVILIZAÇÃO MEXICA PRÉ-HISPÂNICA.....</b>	<b>4</b>
1.1    UMA ETNIA NORTEADA PELA RELIGIOSIDADE .....	5
1.2 CONCEPÇÃO ASTECA DE TEMPO .....	9
<b>CAPÍTULO 2 – O CONQUISTADOR ESTRATEGISTA.....</b>	<b>13</b>
2.1- HERNÁN CORTEZ E O DOMÍNIO DA LINGUAGEM .....	14
2.2 - UM GÊNIO MILITAR.....	18
<b>CAPÍTULO 3 – MONTEZUMA E A QUEDA DO GLORIOSO IMPÉRIO ASTECA.....</b>	<b>26</b>
3.1- MONTEZUMA, COVARDE OU SÁBIO? .....	28
3.2- A DERROCADA DE UMA GRANDE CIVILIZAÇÃO.....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>38</b>
<b>DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

A monografia em comento visa a um breve estudo sobre as consequências do relacionamento entre o imperador asteca Montezuma Xocoyotzin e o conquistador castelhano Hernán Cortez na queda do opulento império mexica face a poucas centenas de espanhóis que aportaram no continente mesoamericano no ano de 1519.

No primeiro capítulo abordaremos as questões culturais, religiosas, políticas e de concepção de tempo que vigorava há séculos nas diversas sociedades indígenas da América Central apontando como elas eram distintas, em vários pontos, e também muito semelhantes, em outros, à sociedade ibérica. Pela ideia cíclica de tempo, os mesoamericanos desenvolveram uma concepção de historicidade muito distinta da europeia – que era, e até hoje é, retilínea. Veremos que Montezuma demonstra bastante reticência quanto à figura de Cortez, comparando-o – segundo cronistas posteriores à conquista – ao deus mesoamericano Quetzalcoatl, o que teria prejudicado sobremaneira na forma com a qual poderia ter agido para debelar a invasão espanhola ao continente.

A segunda etapa deste trabalho tratará mais aprofundadamente sobre a figura do conquistador castelhano Hernán Cortez e seus estratagemas militares para lograr efetividade aos seus intentos. Desde o momento em que aportou no continente mesoamericano, Cortez jamais escondeu as suas intenções de conquista e de acumulação de metais preciosos. Tão logo, ainda na costa, descobriu que no centro do planalto mexicano havia uma brilhante e rica civilização liderada por um homem chamado Montezuma, não mediu esforços para chegar à cidade onde haveria esse incrível povo e inesgotáveis riquezas. O domínio dos signos culturais e da linguagem nativa, segundo historiadores, foram fundamentais para o seu sucesso, ao passo que o seu adversário não conseguiu entender o aspecto humano do invasor, chegando ao ponto de confundir os espanhóis com os seus *teules*, ou deuses. Montezuma, inclusive, atordoa-se com os indícios de que Hernán Cortez seria a deidade Quetzalcoatl – a Serpente Emplumada – que retornou do leste, pelo oceano, para ocupar o trono que ele ocupava. Várias discussões historiográficas estão presentes e são cotejadas entre si neste tópico.

No terceiro e último capítulo, o mote será uma breve análise da enigmática figura do *tlatoani* Montezuma e como as suas ações impactaram de maneira fundamental na posterior queda do breve império mexica, que, à época da conquista, só estava consolidado havia

pouco mais de três séculos, portanto, uma hegemonia bastante recente. Questões como a alegada covardia e fraqueza de Montezuma – bradada inclusive pelo seu próprio sobrinho, o agressivo e bélico Cuauhtémoc, que, meses após a morte do Montezuma, tornou-se o 11º e último imperador mexicano pré-conquista e foi o líder que encabeçou a famigerada e brava resistência asteca ao cerco espanhol da cidade de Tenochtitlán, em 1521. Não conseguiu Cuauhtémoc expulsar os invasores, porém, a resistência severa que impôs a Cortez é celebrada até os dias de hoje pelos mexicanos.



## CAPÍTULO 1- A CIVILIZAÇÃO MEXICA PRÉ-HISPÂNICA

A grandeza do Império Asteca assombrou o conquistador castelhano Hernán Cortez em todos os sentidos. A descrição que fez da cidade de Tenochtitlán – a principal dentre as três da chamada Tríplice Aliança – não deixa dúvidas sobre a grandiosidade da urbe, inclusive ao compará-la, em tamanho, às espanholas Sevilha e Córdoba<sup>1</sup>. A sociedade mexica tinha estrutura altamente estratificada, com uma hierarquia muito bem definida. O imperador possuía um séquito real muito semelhante ao das cortes europeias assim como também havia nobres de sangue<sup>2</sup>.

Em 1519, os astecas eram novatos no sedentarismo e ainda melhoravam suas estratégias e táticas de guerra, muito embora houvesse inúmeras similitudes entre a sociedade castelhana e a mexicana<sup>3</sup>. Naquele ano, quando da chegada de Cortez à península de Yucatã, os astecas não tinham sequer completado 300 anos da fundação de Tenochtitlán, portanto, pode-se considerar que a sua imigração do noroeste do que hoje é o Estado do México para as margens do lago Texcoco era relativamente recente.

Os astecas, antes de iniciarem a sua imigração para o centro do planalto mexicano, ainda entre os séculos V e VI, habitavam uma região localizada a noroeste do México (no sul dos Estados Unidos) em uma cidade chamada *Aztlán*<sup>4</sup>. Nessa época ainda eram conhecidos, entre outras etnias sedentárias da Mesoamérica, como um povo nômade e bárbaro, também chamados de chichimecas, de dialeto nahuatl.

O termo asteca<sup>5</sup>, em nahuatl, significa *gente de Aztlán*, e era utilizado para designar outras etnias que também habitavam essa lendária cidade, tais como os próprios “mexicas, chalcas, huastecos e outros que durante a longa migração foram se separando e se estabelecendo em diversas localidades”<sup>6</sup>. Por volta do ano de 1111 d.C.<sup>7</sup>, os astecas iniciam

---

<sup>1</sup> CORTEZ, Hernán, 1485 -1547. *A Conquista do México*; tradução de Jurandir Soares dos Santos; ilustrações de Théodore de Bry – Porto Alegre: L&PM, 2011, p. 62.

<sup>2</sup> BILLING, Samantha. Rethinking the Conquest: an exploration of the similarities between pre-contact Spanish and Mexica society, culture, and royalty. 2015. Disponível em: <<https://scholarworks.uni.edu/etd/155/>>. Acesso em: 17 abr. 2019, p. 2.

<sup>3</sup> BILLING, 2019, p. 4.

<sup>4</sup> SOUSTELLE, Jacques. *A Civilização Asteca*; tradução de Maria Julia Goldwasser – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002, p.10.

<sup>5</sup> Não obstante o termo asteca também se refira a outras etnias que também habitavam *Aztlán*, utilizar-no-emos, neste trabalho, como sinônimo de mexica, visto que notáveis e respeitados historiadores assim também o fazem, bem como por já ser um termo mundialmente aceito e que designa a etnia que fundou Tenochtitlán.

<sup>6</sup> DOS SANTOS, Eduardo Natalino. Deuses do México Indígena: Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 71.

<sup>7</sup> Ibidem, p.69.

sua jornada em direção ao planalto central, incentivados pelas promessas de seu deus Huitzilopochtli, rumo a um destino brilhante que os aguardava. Em determinado ponto de sua jornada, já em Coatlicamac, esse deus ordena que “deveriam se separar de outros grupos e adotar o nome de *mexitin*, que depois se transformou em *mexica*”<sup>8</sup>. Desse modo, os mexicas são conduzidos às ilhas do lago Texcoco, onde fundam, por volta do ano de 1325, as cidades de Tenochtitlán, Tacuba e Texcoco, que viriam posteriormente a fazer parte da Tríplice Aliança.

É certo que nesse período outra civilização que também habitava o centro da Mesoamérica e que já tivera os seus dias de glória, os toltecas, em sua lendária cidade de Tula, já haviam se dispersado e não mais gozavam do esplendor de outrora. Era chegada a hora de a civilização asteca começar a florescer e expandir a sua influência por toda a região.

### **1.1 Uma etnia norteadada pela religiosidade**

O desenvolvimento religioso e cultural das inúmeras etnias indígenas mesoamericanas, não somente a asteca, é fruto de uma intrincada rede de deuses e possui uma cosmogonia rica e impressionante, compartilhada por vários outros povos que habitavam a chamada Mesoamérica<sup>9</sup>. Por óbvio que a compreensão do imaginário desses povos é certamente uma tarefa impossível sem que se cometam anacronismos, tais são as diferenças entre a compreensão de tempo, história e religião, por exemplo, nas concepções indígenas, europeias ocidentais e cristãs. Nessa esteira, o trabalho em comento não tem a audácia de esmiuçar detalhes do assunto, o que por certo demandaria o tempo de várias vidas humanas e ainda assim novas questões sempre surgiriam e o assunto jamais se esgotaria. Procuraremos abordar sinteticamente e criticamente o modo pelo qual os mexicas compreendiam o seu mundo e como isso os afetaria em seu confronto com os espanhóis, em especial na maneira como Montezuma lidou com a ameaça externa que se diferenciava de tudo aquilo que ele já havia visto em sua vida.

Antes do auge civilizacional mexica, outras etnias foram dominantes na Mesoamérica e, cada uma a seu modo, contribuiu com uma bagagem religiosa e cultural que foi assimilada pelos astecas, seja adotando em seu panteão novos deuses por elas cultuados,

---

<sup>8</sup> DOS SANTOS, 2002, p. 71.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 39.

seja através da realização de casamentos entre as diversas etnias, sobretudo com os toltecas, povo ao qual os astecas rendiam muito respeito e admiração. Séculos depois de se estabelecerem às margens do lago Texcoco, foi construída uma narrativa de que seriam descendentes dos toltecas. Tzvetan Todorov, ao se referir aos mexicas, a Montezuma, e à sua suposta ascendência tolteca, sustenta que

os astecas se comprazem em se apresentar como sucessores legítimos dos toltecas, a dinastia anterior, quando, na verdade, são usurpadores, recém-chegados. Este complexo de culpa nacional teria feito com que ele imaginasse que os espanhóis eram descendentes diretos dos antigos toltecas, que teriam vindo recuperar seus bens?<sup>10</sup>

Da civilização tolteca os mexicas incluíram um dos deuses por eles cultuado, Quetzalcoatl, o grande rei-sacerdote de Tula, também conhecido como Ce-Acatl, Topiltzin, Kukulcan (dentre os maias), grande governante desta lendária cidade, tendo sido expulso dela pelo seu principal oponente, o deus Tezcatlipoca. Quetzalcoatl então abandona Tula e parte rumo ao oriente, não sem antes prometer retornar para resgatar os dias de glória de sua amada cidade. Diego Durán inclusive menciona que os toltecas, sob comando do próprio Quetzalcoatl, retornariam pelo oriente trazendo consigo um flagelo divino<sup>11</sup>.

Durante todo esse processo de assimilação cultural e religiosa, os astecas readequaram a cosmogonia e também a sua própria história, trazendo o seu próprio deus originário de *Aztlán*, o Huitzilopochtli, para juntar-se ao Quetzalcoatl, ao Tezcatlipoca, ao Tlaloc, dentre outros que já eram conhecidos na Mesoamérica. O funcionamento deste novo mundo deveria ser mantido com o sacrifício de cativos, os quais seriam capturados nas chamadas *guerras floridas*<sup>12</sup>, uma forma de guerra na qual o principal intuito era a captura de prisioneiros para a realização de sacrifícios e não uma guerra de massacre, como a que faziam os espanhóis, cujo intuito era “eliminar o inimigo rapidamente, utilizando emboscadas e ataques surpresas”<sup>13</sup>.

Diferentemente da concepção cristã ocidental acerca da natureza eminentemente metafísica de Deus, os indígenas mesoamericanos – inclusive os mexicas – não faziam questão de diferenciar suas deidades de seus soberanos. Fontes nativas indicam que a compreensão indígena de seus deuses

---

<sup>10</sup> TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América. A questão do outro; tradução de Beatriz Perrone-Moisés - 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 77.

<sup>11</sup> DURÁN, Diego. Historia de las Indias de Nueva España e Islas de la Tierra Firme. México: Porrúa, 1984, p.10.

<sup>12</sup> DOS SANTOS, 2002, p.76.

<sup>13</sup> MORAIS, Marcus Vinícius de. Hernán Cortez. Civilizador ou Genocida? São Paulo: Contexto, 2011, p. 128.

estaria muito mais próxima da ideia de uma presença que poderia se fazer sensível em um rei, um cativo, um sacerdote, uma imagem ou um objeto, do que da ideia de um ser essencialmente distinto dos homens, imagens ou objetos. Parece que as fronteiras de categorização das espécies que compunham o universo eram muito mais fluidas e transponíveis para o pensamento mesoamericano do que para o pensamento ocidental cristão do século XVI, para o qual a posição de cada ente no universo estava determinada por uma suposta essência inalterável<sup>14</sup>.

Sabe-se que Montezuma II era um sujeito de religiosidade ímpar, um nobre que estudara em uma *calmenac* – instituições nas quais eram educados os membros da nobreza asteca<sup>15</sup> – e que, principalmente, nutria uma devoção particularmente fervorosa a Quetzalcoatl<sup>16</sup>. Portanto, se tentarmos nos despir, ainda que momentaneamente, de todo o nosso arcabouço cultural e religioso moderno, fortemente influenciado pelo conjunto europeu-ocidental e procurarmos entender a visão indígena por sua própria lente, não seria de se estranhar que as dúvidas, o medo, a paralisia, e a reticência que Montezuma demonstrou ante a invasão de Cortez poderiam ser cabíveis, tendo o líder mexica inclusive identificado o conquistador espanhol como o próprio Quetzalcoatl. Não poderia ser de outro modo, uma vez que o líder asteca, o *tlatoani* – que significa aquele que detém a palavra -, quando eleito, deveria exercer a função de proteger o povo, ministrar oferendas e promover a realização de sacrifícios humanos em honra aos deuses<sup>17</sup>. Montezuma, portanto, era a autoridade religiosa, além de ser o chefe dos exércitos e juiz supremo<sup>18</sup> dos mexicas da Tríplice Aliança e também das etnias subjugadas que eram tributárias de Tenochtitlán.

De toda feita, insta ressaltar a descrição que o arqueólogo e antropólogo mexicano Román Piña Chan faz acerca da aparência de Quetzalcoatl:

Como dios creador, Quetzalcoatl conserva buena parte de los conceptos antiguos que poseía, especialmente el simbolismo en sus representaciones; y de esta manera, en los códices *Borgia*, *Magliabechi*, *Borbónico*, etcétera, aparece con barba larga, gorro cónico, ojos estelares o de la noche, grecas escalonadas, orejeras torcidas a manera de gancho, collar con pectoral de caracol cortado (joyel del viento), punzones de hueso para el autosacrificio, flores, plumas y otros símbolos.<sup>19</sup>

Assim, percebe-se que essa identificação entre Quetzalcoatl e Cortez, ao menos num primeiro momento, é perfeitamente compreensível, visto que o referencial que os mesoamericanos tinham de seus deuses era completamente distinto daqueles do ponto de

---

<sup>14</sup> DOS SANTOS, 2002, p. 211.

<sup>15</sup> PERASSI, Emilia. José Luis Trueba Lara, Moctezuma. *Altre Modernità*, n. 20, p. 304-307, 2018, p. 306.

<sup>16</sup> MARCILLY, 1978, p.55.

<sup>17</sup> JOHANSSON K, Patrick. Moctezuma II Crónica de una muerte anunciada. *Caravelle* (1988-), p. 29-54, 1998. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/carav\\_1147-6753\\_1998\\_num\\_70\\_1\\_2774](https://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_1998_num_70_1_2774)>. Acesso em: 17 abr. 2019.

<sup>18</sup> DOS SANTOS, 2002, p.77.

<sup>19</sup> CHAN, Román Piña. *Quetzalcoatl: Serpiente Emplumada*. México: Fondo de Cultura Económica SA, 1977, p. 62.

vista espanhol.

Os sacrifícios humanos eram uma prática muito comum entre os mesoamericanos e havia sempre um grande ritual para realizá-los. Era de conhecimento geral que os deuses necessitavam de sangue humano para manterem o mundo em perfeita ordem. Caso não ficassem satisfeitos, inúmeras catástrofes acometeriam a humanidade, inclusive com a destruição de toda a terra. Não raros também eram os sacrifícios de crianças, tendo Montezuma mandado sacrificar garotos e garotas todos os dias desde a chegada de Cortez à costa mexicana, com o intuito de obter inspiração para saber como lidar com eles<sup>20</sup>.

Em um episódio, Montezuma leva Hernán Cortez a conhecer o Templo Maior de Tenochtitlán. Quando o espanhol, horrorizado com o que qualificou como ídolos, espalhados por todo o templo e cobertos de sangue humano, tenta demover a crença do *ilatoani*, explicando-lhe que aqueles deuses nada mais seriam do que ídolos e que ele deveria retirar as imagens que lá estavam e colocar no lugar uma imagem de Nossa Senhora<sup>21</sup>. Montezuma, em razão da devoção que tinha àqueles deuses, encoleriza-se e responde, ofendido:

Si tal deshonor como has dicho creyera que habías de decir, no te mostrara mis dioses. Estos tenemos por muy buenos, y ellos nos dan salud y aguas y buenas sementeras y temporales y victorias cuando queremos; y tenemoslos de adorar y sacrificar; lo que os ruego es que no se diga otras palabras en su deshonor<sup>22</sup>.

Essa atitude de enfrentamento a Cortez por parte de Montezuma, aliás, uma das poucas, quiçá a única, fez jus ao significado nahua de seu nome: Montezuma<sup>23</sup> (O senhor cheio de cólera) Xocoyotzin (O honrado). A sua devoção pelos deuses, em especial à Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada, era tanta que a mera imaginação de um possível retorno desse deus já o deixava aterrorizado. Anos antes da conquista, o rei necromante de Texcoco, Nezahualpilli, teria profetizado a Montezuma que o império asteca seria destruído dentro de poucos anos.<sup>24</sup> O imperador mexica teria ficado tão impressionado, aflito e temeroso com tal profecia que a sua conduta, a partir de então, seria moldada pelas interpretações que fez dessas previsões.

Talvez essa seja uma das possíveis razões pelas quais Montezuma, tão logo

---

<sup>20</sup> CASTILLO, apud TODOROV, 2016, p. 101.

<sup>21</sup> CORTEZ, 2011, p. 63.

<sup>22</sup> CASTILLO, Bernal Diaz Del. Historia Verdadera de La Conquista de Nueva España. 11. ed. México: Porrúa, 1976, p. 175.

<sup>23</sup> MARCILLY, Jean. A Civilização dos Astecas; tradução de Luiza Tertulino Vieira – Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978, p. 55.

<sup>24</sup> JOHANSSON, 1998.

informado por seus emissários da chegada dos espanhóis à costa mexicana, associou rapidamente a figura de Cortez ao deus Quetzalcoatl. Essa deidade é frequentemente descrita nas fontes e nos códices como um homem branco que usa barba. Lamentavelmente, não dispomos de muitos documentos nativos pré-cortezianos, haja vista que os relatos escritos são posteriores à conquista<sup>25</sup> e, portanto, já impregnados pela influência dos sacerdotes católicos que assumiram a missão de evangelizar os índios.

## 1.2 Concepção asteca de tempo

Os mexicas, assim como as demais etnias meoamericanas – cada uma com as suas peculiaridades, é verdade -, tinham uma percepção de tempo muito distinta da europeia, pelo fato de que a sua concepção de historicidade e tempo era cíclica<sup>26</sup> e não retilínea como a ocidental. Em outras palavras: se algo aconteceu, era porque tinha que ter ocorrido. A mentalidade indígena mesoamericana busca toda uma totalidade mística para a justificação de um fato atual através de outro feito histórico ocorrido em gerações passadas. Montezuma não haveria de atuar diferentemente, pois a todo instante tenta compreender a invasão espanhola a partir de algum marco que ocorrera no passado ao invés de reagir pronta e agressivamente aos novéis acontecimentos em seu território.

Diego Durán, citado por Gruzinski, nos relata que

*o tlatoani* teria ordenado uma consulta aos arquivos para descobrir precedentes e identificar os recém-chegados. Não necessariamente em vão, já que a hipótese de um “retorno ao país”, sob a forma ou não de um retorno de Quetzalcoatl, vai acabar por impor-se na mente dos índios<sup>27</sup>.

Percebe-se, nessa esteira, que Montezuma procura respostas em um tempo passado para justificar a razão pela qual aquele evento estaria ocorrendo. Não obstante nos faltem documentos pré-hispânicos sobre a mentalidade do imperador mexica, grande parte dos relatos, concomitantes, e posteriores à conquista nos revelam que o *tlatoani*, por todo momento, se inquieta com maus presságios e tenta sempre adequar o evento da invasão a algo que já teria ocorrido em outra era indígena. Diante disso, tentando interpretar a chegada de Cortez com profecias passadas, Montezuma conclui, ao menos em um primeiro momento, que Cortez de fato seria Quetzalcoatl que retornara do oriente para retomar aquilo que lhe

---

<sup>25</sup> TODOROV, 2016, p.74.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 118.

<sup>27</sup> DURÁN, apud GRUZINSKI, Serge. *A águia e o dragão. Ambições Europeias e mundialização no século XVI*; tradução de Joana Angélica d’Avila Melo – São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.146.

era de direito<sup>28</sup>, pois, toda a história asteca, conforme as crônicas indígenas, seriam realizações de profecias anteriores<sup>29</sup>.

O calendário asteca, muito sofisticado, extremamente preciso, e com inúmeras peculiaridades (cujo destrinchamento requereria um novo e denso trabalho de pesquisa<sup>30</sup>), era um sistema de combinação de vinte signos, conhecido como *tonalli*<sup>31</sup>, com um conjunto de 13 números. A *tonalli* era composta basicamente por elementos como plantas, animais, artefatos diversos, etc, e antes de cada *tonalli* vinha a indicação do numeral, que variava de 1 a 13. A combinação dessas variáveis culminava com um total de 260 dias, cujo ciclo chamava-se *tonalpohualli*<sup>32</sup>, e a partir dessa conta, os mexicas nomeavam e contavam os anos sazonais, que também tinham a duração de 365 dias. Para isso também havia um processo particular de nomeação dos anos sazonais.

O resultado de todas as combinações possíveis entre os elementos da *tonalli* e o conjunto de 13 números resulta numa série de 52 anos, após os quais os nomes dos anos repetem-se novamente. A esse ciclo os astecas denominavam *xiupohaualli* ou *xiuhmolpilli*<sup>33</sup>.

A cada primeiro dia de um novo ciclo de 52 anos era celebrada a chamada Festa do Enlace dos Anos ou Festa do Fogo Novo, pois acreditava-se que em um desses períodos cíclicos o mundo voltaria a sofrer cataclismos e crises. Assim, um fogo novo era aceso, e o antigo, apagado<sup>34</sup>. Esse ciclo de 52 anos foi a base de todo o sistema organizacional com que as mais diversas etnias mesoamericanas, inclusive a asteca, registravam a sua própria cosmogonia e a história de seu povo<sup>35</sup>.

Seguindo-se o raciocínio acima proposto de uma historicidade e um tempo cíclico, tem-se como uma das principais características do povo mexica a convicção de que o universo teria sido criado, destruído e reconstruído por cinco vezes (algumas etnias mesoamericanas creem que foram quatro)<sup>36</sup>. Essas eras foram conhecidas como sóis, e ao tempo da chegada de Cortez, os astecas se encontravam no quinto sol, justamente no ano de Ce-acatl – o ano de Quetzalcoatl -, e ainda ao término do ciclo sagrado de 52 anos.

---

<sup>28</sup> TODOROV, 2016, p. 102-103.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 90.

<sup>30</sup> Os próprios cronistas católicos perceberam que esse princípio organizacional era fundamental para entendimento de como seria a concepção de tempo e história dos povos mesoamericanos, todavia, nenhum deles logrou entender tal sistema ou explicá-lo com concreta base técnica.

<sup>31</sup> DOS SANTOS, Eduardo Natalino. Tempo, espaço e passado na mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas. São Paulo: Alameda, 2009, p. 130.

<sup>32</sup> DOS SANTOS, 2009, p.131.

<sup>33</sup> DOS SANTOS, 2002, p. 83.

<sup>34</sup> Ibidem.

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 266.

Extraí-se também do documento *La leyenda de los soles*, que apesar dos sacrifícios humanos para manter o quinto sol em movimento, nessa era também ocorreria o inevitável destino das anteriores, qual seja: a destruição, pois cada ritmo de criação e destruição de sóis obedecia necessariamente a ciclos de 52 anos<sup>37</sup>. Montezuma era ciente de que o quinto sol, ou a era na qual ele vivia, tinha sido criado pelos deuses na antiga cidade tolteca de Teotihuacan, e que, ao final de um ciclo desses, uma impiedosa catástrofe acometeria o mundo.

Montezuma temia vigorosamente o encerramento desse ciclo, uma vez que com ele poderiam advir trágicas consequências para o mundo, inclusive a destruição do quinto sol, ou da quinta era. Anos antes, conforme descrito no tópico anterior, o *tlatoani* procurou conselho do rei necromante de Texcoco, o qual lhe advertiu que a queda do império estava próxima. Essa atitude de Montezuma não era incomum, vários outros predecessores mexicas também costumavam visitar adivinhos antes de iniciar alguma aventura importante<sup>38</sup> ou mesmo para consultar sobre determinado ato político a ser implementado. Toda a história asteca e seu futuro, portanto, nada mais seriam do que a realização de profecias anteriores, ou seja, um acontecimento jamais poderia ocorrer se não tivesse sido previsto antecipadamente<sup>39</sup>.

Um exemplo muito claro disso nos remete ao episódio no qual Montezuma ordena que o pintor mais habilidoso de seu império fizesse um quadro retratando tudo o que os seus mensageiros viram à beira-mar, na ocasião do desembarque de Cortez, ocasião na qual Diego Durán nos revela que o imperador ainda pergunta ao pintor:

Irmão, peço que me digas a verdade acerca do que desejo perguntar-te: por acaso sabes algo acerca do que aqui pintaste? Teus antepassados deixaram algum desenho ou descrição desses homens que virão ou serão trazidos a esse país?<sup>40</sup>

De fato, essa incansável busca por uma explicação passada, sobre um evento atual e desconhecido, privilegiando-se as relações com os deuses ao invés das inter-humanas, foi responsável pela imagem deturpada que Montezuma – e certamente outros indígenas – fizeram dos espanhóis<sup>41</sup>. Essa incapacidade, com toda certeza, foi um dos elementos que contribuíram para a derrocada dos mesoamericanos. No polo oposto, os espanhóis só ouvem conselhos divinos quando estes convêm a seus próprios interesses<sup>42</sup>, não sendo tão

---

<sup>37</sup> DOS SANTOS, 2002, p. 281.

<sup>38</sup> TODOROV, 2010, p. 90.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> DURÁN, apud TODOROV, 2010, p. 121.

<sup>41</sup> TODOROV, 2010, p. 105.

<sup>42</sup> TODOROV, 2010, p. 154.



influenciados a ponto de paralisarem-se diante de uma ameaça desconhecida.

## CAPÍTULO 2 – O CONQUISTADOR ESTRATEGISTA

O mês é junho de 1520; Cortez, seu séquito, Montezuma e mais alguns nobres prisioneiros estão sitiados no palácio de Axayácatl sob incessantes ataques mexicas. O capitão castelhano então ordena que o *tlatoni* se dirija à sacada do palácio e convença os revoltosos a irem para casa e encerrarem a revolta. Castillo assim nos relata este episódio:

Que Montezuma se puso a pretil de una azotea con muchos de nuestros soldados que le guardaban, y les comenzó a hablar con palabras muy amorosas que dejasen la guerra y que nos iríamos de México, y muchos principales y capitanes mexicanos bien le conocieron, y luego mandaron que callasen sus gentes y no tirasen varas ni piedras ni flechas; y cuatro de ellos se llegaron en parte que Montezuma les podía hablar, y ellos a él, y llorando le dijeron: ‘!Oh, señor, y nuestro gran señor, y cómo nos pesa de vuestro mal y daño y de vuestros hijos y parientes! Hacémoos saber que ya hemos levantado a un vuestro pariente por señor.’ Y allí le nombró como se llamaba, que se decía Coadlavaca<sup>43</sup>, señor de Iztapalapa, que no fue Guatemuz el que luego fue señor. Y más dijeron que la guerra que la habían de acabar, y que tenían prometido a sus ídolos de no dejarla hasta que todos nosotros muriésemos, y que rogaban cada día a su Uichilobos y a Tezcatepuca que le guardase libre y sano de nuestro poder; y como saliese como deseaban, que no le dejarían de tener muy mejor que de antes por señor, y que les perdonase. Y no hubieron bien acabado el razonamiento cuando en aquella sazón tiran tanta piedra y vara, que los nuestros que le arrodaban, desde que vieron que entretanto que hablaba con ellos no daban guerra, se descuidaron un momento de rodellarle de presto, y le dieron tres pedradas, una en la cabeza, otra en un brazo y otra en una pierna; y puesto que le rogaban se curase y comiese y le decían sobre ello buenas palabras, no quiso, antes cuando no nos catamos vinieron a decir que era muerto.<sup>44</sup>

Cortez aduz que foi o próprio Montezuma que pediu para subir na sacada e tentar acalmar os ânimos de seu povo, mas

bastou ele começar a falar para ser atingido por uma pedra, que provocou a sua morte três dias depois. Estando ele morto, mandei levá-lo à sua gente e não sei o que fizeram com ele, salvo que a guerra não cessou, pelo contrário, continuou ainda mais intensa<sup>45</sup>.

A despeito de essa ser a versão mais conhecida e tradicional que se deu ao fato, sendo ela constante das fontes primárias como acima exposto, há aqueles que sustentam que Montezuma não teria sido morto em decorrência de pedrada, mas sim que os espanhóis já o haviam executado a punhaladas, juntamente com outros nobres<sup>46</sup>.

Jamais saberemos o que realmente ocorreu; os espanhóis acusam os índios de terem matado o seu próprio líder, e estes afirmam ter sido os castelhanos a dar cabo da vida de Montezuma. A questão primordial desse fato – a morte de Montezuma – é o simbolismo que

<sup>43</sup> Cuitlahuac, eleito o novo *tlatoni*.

<sup>44</sup> CASTILLO, 1976, p. 252-253.

<sup>45</sup> CORTEZ, 2011, p. 76.

<sup>46</sup> ACOSTA, 1962 apud JOHANSSON K., 1998, p.32.

nos remete à ingloria queda do maior império que já existiu na Mesoamérica, sobretudo para os fins deste trabalho, cujo objetivo principal é o estudo da correlação entre a conduta deste *tlatoani* mexica e a dizimação de sua civilização.

## 2.1- Hernán Cortez e o domínio da linguagem

Uma das principais causas, se não a mais preponderante delas, para a derrocada de Montezuma e do Império Asteca foi a questão do domínio da linguagem do outro. Todorov argumenta que este foi o fator primordial na queda do domínio mexica quando afirma que as causas da derrota seriam creditadas à falta de controle da comunicação por parte dos maias e dos astecas.<sup>47</sup> Não se trata apenas da tradução literal de um idioma para o outro, mas sim de como gestos, atitudes, e cultura também são traduzidos para os atores principais dessa contenda. Montezuma fracassou completamente nesse quesito<sup>48</sup>, ao passo que Cortez soube dominar a linguagem de maneira a favorecê-lo em seu intento<sup>49</sup>. Para compreender o domínio da linguagem por Cortez, seguiremos uma linha comparativa à performance do líder asteca.

Como já salientado, é cíclica a concepção mexica de tempo, provindo deste entendimento a explicação para fatos presentes e/ou futuros. A interpretação desses fatos era tarefa dos sacerdotes, considerados os depositários do saber social<sup>50</sup>, que realizavam a hermenêutica da situação que lhes era apresentada através de diversos tipos de adivinhações e consultas a profecias anteriores. Presságios e maus agouros eram muito temidos pelos astecas, influenciando inclusive nas questões militares e políticas que a nobreza era obrigada a lidar. Era muito comum a visita dos chefes astecas a esses sacerdotes e adivinhos antes de começar uma operação importante<sup>51</sup>, pois toda a história mesoamericana provinha de realizações anteriores. Montezuma, portanto, não haveria de ser um líder diferente.

O *tlatoani* mexica, através de sua robusta rede de espiões, prontamente soube da chegada de Cortez à costa mexicana. Ele era informado por meio da palavra, de pinturas ou de memoriais<sup>52</sup>. Montezuma, portanto, na ótica de Serge Gruzinski jamais foi surpreendido, haja vista que nada ignorava do que acontecia, “ele estava a par dos argumentos e intenções

---

<sup>47</sup> TODOROV, 2016, p. 86.

<sup>48</sup> Ibidem, p.102

<sup>49</sup> Ibidem, p. 147-148.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 92.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 90.

<sup>52</sup> Ibidem, p.97.

dos espanhóis”<sup>53</sup> antes mesmo do momento em que pisaram em continente americano.

Os astecas possuíam um sistema pictográfico de comunicação, não necessariamente uma escrita alfabética nos moldes conhecidos na Europa, mas que podiam ser interpretados por pessoas – em geral sacerdotes – que tinham os meios de decifrar os pictogramas e fornecer uma interpretação a contento. Gruzinski, nesse sentido, sustenta que:

La complejidad de las composiciones confiadas a la transmisión oral, la variedad de géneros, el valor considerable dado a la enseñanza, la elocuencia y la palabra nos podrían hacer olvidar que aquellas sociedades también poseían un modo de expresión gráfica. Aunque no conocieron ninguna forma de escritura alfabética antes de la Conquista española, se expresaban sin embargo con medios de apoyo múltiples – el papel de amate y de agave, la piel de venado -, que según el caso adoptaban la forma de hojas largas y angostas que se enrollaban o se plegaban como acordeón, o de grandes superficies que se extendían sobre las paredes para ser expuestas. Sobre aquellas bases los indios pintaban glifos.<sup>54</sup>

Montezuma tinha ao seu dispor toda uma rede de pessoas que tinham arcabouço teórico para interpretar os glifos que lhes eram apresentados por ocasião da invasão espanhola de 1519. É justamente através dessa intrincada rede de espionagem que Montezuma é atualizado sobre o avanço castelhano e, durante toda essa primeira fase da conquista, recusou-se firmemente a qualquer intercâmbio de comunicação com Cortez e seus aliados<sup>55</sup>, ou seja, ele renunciou a qualquer forma de compreensão do outro, renunciou à linguagem. Além disso, o imperador asteca ainda amedrontou-se com o conteúdo dos relatos que lhe eram passados por seus espiões, sendo que esta paralisia enfraqueceu a coleta de informações, o que, na visão de Todorov, já simbolizava a derrota, “visto que o soberano asteca é, antes de mais nada, um mestre da palavra – ato social por excelência -, e que a renúncia à linguagem é o reconhecimento de uma derrota”<sup>56</sup>.

O cronista Durán nos esclarece que, ao saber que os espanhóis perguntavam muito por ele e exigiam a sua presença, Montezuma ficou muito angustiado e temeroso sobre que caminho seguir, manifestando inclusive o desejo de se esconder em uma gruta profunda<sup>57</sup>. Sua angústia era tanta que sequer poupava os enviados que lhes transmitiam a notícia da chegada dos espanhóis<sup>58</sup>, executando-os sumariamente por terem trazido as más notícias.

Noutro vértice, temos Hernán Cortez, o conquistador espanhol, que diferentemente de seu adversário Montezuma, utilizou sabiamente o recurso do domínio da linguagem, sempre favorecendo e mantendo ao seu lado os seus dois principais tradutores, o frei

---

<sup>53</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 146.

<sup>54</sup> GRUZINSKI, 1995, p. 19.

<sup>55</sup> TODOROV, 2016, p. 97.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 98.

<sup>57</sup> DURÁN, apud TODOROV, 2016, p. 99.

<sup>58</sup> JOHANSSON K, 1998, p. 40.

Francisco de Aguillar e a índia Malinche, sobretudo esta última, que era não somente uma intérprete de línguas, mas também uma tradutora cultural para Cortez<sup>59</sup>.

A importância dessa personagem para o sucesso da conquista do México foi de natureza incomensurável, e Cortez soube se aproveitar muito bem da presença dela sempre que necessitava se comunicar com os indígenas mesoamericanos das mais diversas etnias; para além disso, tornou-a a amante com quem teve um filho, Martín Cortez. Malinche foi fundamental para que o conquistador dominasse a questão linguística, pois sempre foi fiel a ele, informando-o com fatos que iam além da tradução livre das palavras, a exemplo do episódio em que ela descobre em Cholula toda uma trama secreta de emboscada<sup>60</sup> aos espanhóis que seria posta em prática durante o caminho a Tenochtitlán, causando uma ira sem precedentes em Hernán Cortez.

Através dessa informação, que muito provavelmente Cortez não disporia se não fossem os préstimos de Malinche, o capitão castelhano formula uma emboscada preventiva, ao reunir no centro da cidade de Cholula, no pátio de Quetzalcoatl, as pessoas mais importantes da cidade; os senhores e nobres importantes foram levados a uma sala, onde lhes foi negada a saída. Essa foi a deixa para o sinal do início do massacre, um tiro de arcabuz foi dado, iniciando, sem piedade, o ataque preventivo que planejara. Nessa ocasião, Cortez ainda permitiu que seus novos aliados, os tlaxcaltecas, adentrassem na cidade e derramassem toda a sua ira sobre os cholulenses, que eram aliados dos astecas – seus maiores inimigos -, o resultado foi um massacre de aproximadamente cinco mil cholulenses<sup>61</sup>.

Segue abaixo a versão do próprio Cortez sobre esse episódio:

Uma índia que trazia comigo como intérprete soube por outra nativa que eles haviam retirado todas as mulheres e crianças da cidade e que pretendiam matar todos nós. Peguei secretamente um nativo da cidade e este confessou o mesmo que a índia havia dito, e que o pessoal de Tascaltecal<sup>62</sup> havia me alertado. Resolvi agir antes de ser atacado. Chamei alguns senhores da cidade, dizendo que queria falar-lhes, e tranquei-os em uma sala, com o aviso aos nossos para que quando ouvissem um tiro de escopeta caíssem sobre a maior quantidade de índios possível. E assim foi feito. Em duas horas matamos mais de três mil índios e prendemos na sala todos os chefes. Depois saímos pela cidade e deparamos com a enorme quantidade de gente de guerra que iria nos atacar, mas como eles estavam desprevenidos e sem os seus comandantes, os desbaratamos facilmente, ainda mais que tínhamos a ajuda dos cinco mil índios de Tascaltecal que ficaram conosco e mais quatrocentos de Cempoal<sup>63</sup>.

Por esses e vários outros motivos é que boa parte dos mexicanos dos dias de hoje

---

<sup>59</sup> TODOROV, 2016, p. 144.

<sup>60</sup> LEVY, 2012, p. 90.

<sup>61</sup> LEVY, 2012, p. 91-92.

<sup>62</sup> Tlaxcala.

<sup>63</sup> CORTEZ, 2011, p. 47.

consideram a índia Malinche como uma traidora repugnante, por ter sido ela uma nativa que se envolveu por vontade própria com um estrangeiro para a destruição do seu próprio povo. É comum, em dias atuais, escutarmos o xingamento: “Hijo de la Chingada!”, como forma de mostrar o menosprezo a uma determinada pessoa. Octavio Paz a relaciona como o símbolo da entrega, conforme se percebe no trecho abaixo:

Se a Chingada é uma representação da Mãe violada, não me parece forçado associá-la à Conquista, que foi também uma violação, não somente no sentido histórico como na própria carne das índias. O símbolo da entrega é doña Malinche, a amante de Cortés. É verdade que ela se entrega voluntariamente ao Conquistador, mas este, mal ela deixa de ser-lhe útil, a esquece. Doña Marina se converteu em uma figura que representa as índias, fascinadas, violadas ou seduzidas pelos espanhóis. E do mesmo modo que a criança não perdoa à sua mãe porque a abandona para ir em busca de seu pai, o povo mexicano não perdoa à Malinche a sua traição. Ela encarna o aberto, o *chingado*, em relação aos nossos índios, estóicos, impassíveis, fechados<sup>64</sup>.

Não obstante a análise da conduta da Malinche seja tema para incontáveis controvérsias e trabalhos acadêmicos, o que é necessário se ressaltar aqui neste opúsculo é que sem o seu auxílio na questão da tradução linguística e cultural do cotidiano indígena a Cortez, este castelhano muito provavelmente sequer chegaria a ver Tenochtitlán, pois a questão do entendimento linguístico e da cultura mexica foi um fator primordial para Cortez preparar suas alianças e estratégias de guerra.

De outra feita, enquanto Montezuma executa seus mensageiros e recusa-se a trocar mensagens com Cortez, este, por outro lado, sempre ouve conselhos e recompensa as pessoas que lhe trazem informação, ainda que não concorde com elas<sup>65</sup>. É exatamente analisando o conjunto de informações, juntamente com os conselhos obtidos, que Cortez rapidamente percebe que os índios tinham suas divisões internas e que guerreavam constantemente entre eles<sup>66</sup>. Dentre as informações mais valiosas que o conquistador poderia obter, aliada a essa sobre as divisões entre etnias, foi a de que a sua imagem teria sido associada ao deus mesoamericano Quetzalcoatl e que Montezuma temia justamente o possível retorno desse deus, que se daria pelo leste, por onde eles vieram. Portanto, soube aproveitar tal informação e não negava que pudesse ser a reencarnação de Quetzalcoatl, pelo menos num primeiro momento.

---

<sup>64</sup> PAZ, Octavio. O Labirinto da Solidão e Post Escripturn; tradução de Eliane Zagury – 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 80.

<sup>65</sup> TODOROV, 2016, p. 148.

<sup>66</sup> Ibidem.

## 2.2 - Um gênio militar

Hernán Cortez, natural de Medellín, era filho de fidalgos<sup>67</sup> espanhóis, porém, de família não muito abastada, mas que lhe providenciou os estudos necessários para seu ingresso na Universidade de Salamanca, em 1499, onde rapidamente aprendeu gramática, latim e breves lições de Direito – alguns cronistas divergem se ele chegou a se formar ou não. Las Casas, por exemplo, afirma que Cortez licenciou-se em Direito<sup>68</sup>; já Gomara, por outro lado, aduz que o futuro conquistador era um exímio latinista, sendo capaz de responder em latim a qualquer pessoa que o inquirisse nesse idioma, mas que não chegou a concluir os seus estudos nas Ciências Jurídicas, retornando a Medellín a contragosto do desejo de seus pais<sup>69</sup>, que queriam o filho formado em Direito.

Inobstante não tenha concluído os seus estudos em Direito, pode-se afirmar que Cortez teve uma educação rebuscada para os padrões europeus da época e que, com toda a certeza, em relação à sua empreita a Tenochtitlán, tinha ciência do caráter precário e da pouca legitimidade da expedição, pois partira à revelia do governador de Cuba, Diego Velásquez<sup>70</sup>, e, por consequência, sem autorização imperial. A autorização imperial que Cortez detinha ao ser nomeado capitão da terceira expedição continental era somente para fazer trocas e não conquistar e colonizar<sup>71</sup>. Ciente disso, o conquistador redige cartas direcionadas ao Imperador Carlos V em termos que Gruzinski considera como “politicamente corretos”<sup>72</sup>, pois modificam os acontecimentos acerca da irregularidade da sua situação legal e se autorretrata por uma ótica heróica e arrogando-se ser também um arauto da cristandade<sup>73</sup>.

As Cartas de Relação, portanto, refletem a astúcia, inteligência e preocupação de Cortez em expressar as suas justificativas ao seu empreendimento, ilícito, ao Imperador Habsburgo, traduzindo-os de forma como se fossem legais as suas atitudes em relação aos índios e aos territórios mesoamericanos submetidos. O fato é que o rei da Espanha preocupava-se mais com as expedições asiáticas<sup>74</sup> do que com a desobediência de Cortez, o que de certa forma foi favorável a este castelhano, haja vista que não precisou lidar com

---

<sup>67</sup> GÓMARA, Francisco López de. *Historia de La Conquista de Mexico*. 65. ed. Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007, p. 7.

<sup>68</sup> LAS CASAS, apud MADARIAGA, Salvador. *Hernan Cortês*; tradução de Jerônimo Monteiro – 1. ed. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1961, p. 18.

<sup>69</sup> GOMARA, apud MADARIAGA, 1961, p. 19.

<sup>70</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 126-127.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 128.

<sup>73</sup> *Ibidem*.

<sup>74</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 108.

eventual negativa direta de Carlos V aos seus propósitos de conquista. A maneira como Cortez se expressa nas suas missivas reflete que os anos que passou em Salamanca estudando gramática, latim e direito<sup>75</sup> possivelmente serviram-lhe para formular bons argumentos em defesa de seus desejos.

Considerando a ilicitude da expedição, muitos dos soldados que o acompanharam ainda eram leais a Diego Velásquez, e vários outros desejavam apenas retornar a Cuba, visto que ainda não tinham encontrado as riquezas prometidas pelo capitão. Habilmente, Cortez logra êxito em debelar tais problemas, seja com grandiosas promessas de ganhos financeiros (que supostamente imaginava haver em Tenochtitlán)<sup>76</sup>, ou ainda tomando medidas drásticas, tal qual no episódio em que ordenou que se afundassem todas as naus<sup>77</sup> que aportaram em continente americano, e também determinando a prisão de todos os tripulantes rebeldes, com o fim de debelar uma iminente rebelião dos partidários de Velásquez.

Com efeito, o ato de afundar as próprias embarcações<sup>78</sup> demonstra a ousadia e a elevada autoestima que Cortez possuía, pois, ao mesmo tempo em que revela a sua convicção e determinação de que o interior da Mesoamérica de fato teria riquezas incontáveis, fez com que extinguisse complôs de sua própria tripulação no sentido de desejarem retornar a Cuba. Agora não havia alternativa se não a de seguir as ordens do capitão.

Reprimidos os focos internos de motins, Cortez poderia se debruçar na sua estratégia para lidar com os indígenas. Logo percebeu que sua tropa era infinitamente inferior, em números de soldados, aos guerreiros mesoamericanos, razão pela qual formulava ardis e fomentava intrigas internas<sup>79</sup>, utilizando a própria discórdia entre os índios para atingir os seus propósitos militares. Assim relata o próprio Cortez em sua Segunda Carta de Relação:

Quando estava, mui católico senhor, naquele acampamento do campo, vieram a mim seis senhores de Montezuma com até duzentos homens, para me dizer que este queria ser vassalo de vossa alteza e que eu determinasse o tributo que a cada ano ele daria em ouro, prata, pedras, escravos e roupas de algodão. Desde que eu não entrasse em suas terras, porque eram muito estéreis e desprovidas de mantimentos, e que lhe causaria grande pesar que eu ali fosse passar necessidade. Estes emissários de Montezuma permaneceram comigo, inclusive durante as batalhas que travamos. Os moradores da província vinham me dizer que não devia confiar neles, porque eram traidores e haviam subjugado todos de sua terra. Por outro lado, os de Montezuma me avisavam que não devia confiar nos da província, porque estes eram traidores. Eu simplesmente fazia de conta que confiava em quem vinha me falar e usava a discórdia para subjugá-los mais<sup>80</sup>.

---

<sup>75</sup> MORAIS, 2011, p. 32.

<sup>76</sup> LEVY, 2012, p. 47.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 63-64.

<sup>79</sup> GRUZINSKI, 2015, p.131.

<sup>80</sup> CORTEZ, 2011, p. 45-46.



Esses próprios conflitos internos entre as etnias indígenas favoreceram sobremaneira os desígnios de Cortez, sobretudo quando este soube manipular o ódio que os tlaxcaltecas nutriam contra os astecas<sup>81</sup>. Tlaxcala, à época da conquista, era uma das únicas cidades que ainda não havia sido sobrepujada pelos mexicas e, portanto, não lhe era tributária, mas que sofria com intensos embargos comerciais e assédios permanentes dos astecas em busca de prisioneiros para a realização de sacrifícios religiosos<sup>82</sup>. Cortez, dessa forma, vendo-se no fogo cruzado de intrigas entre tlaxcaltecas e astecas, como ele próprio relatou acima, “decide explorar a fundo a cizânia entre os dois campos inimigos<sup>83</sup>”.

Com efeito, ainda nos primeiros dias de sua chegada à costa mexicana, Cortez rapidamente percebe que, para subjugar os índios de Culúa (incluídos os mexicas), somente o efetivo que trazia consigo, os animais, e as armas, não seriam suficientes para enfrentar o poderoso efetivo asteca. Por essa razão, logo tratou de formular alianças com indígenas de etnias rivais aos mexicas, tais como os totonacas e, principalmente os tlaxcaltecas<sup>84</sup>. Em relação à confederação totonaca – que abrigava mais de 30 cidades<sup>85</sup> - o chefe da cidade de Cempoala (a principal da confederação), que logo os espanhóis o chamaram de “Cacique Gordo”, relatou a Cortez que o povo totonaca odiava os mexicas, em razão de estes os terem subjogado e os obrigado a fornecerem tributos a Tenochtitlán, inclusive mulheres e crianças<sup>86</sup>. O castelhano, astutamente, se mostra como um redentor que iria destruir a dominação mexica sobre os totonacas, convencendo o Cacique Gordo a lhe fornecer centenas de milhares de guerreiros para a sua empreita<sup>87</sup>. Todorov quantifica uma proporção de 10 mil indígenas combatentes a pé para cada 10 cavaleiros espanhóis<sup>88</sup>, enquanto Morais acredita que os índios alinhados aos espanhóis somassem mais de 150 mil<sup>89</sup>

A aliança com os tlaxcaltecas, diferentemente da com os totonacas, foi lavrada após o derramamento de muito sangue, pois antes de Cortez entrar em Tlaxcala, eles ofereceram uma resistência muito feroz, sobretudo porque não acreditavam que Cortez e sua horda fossem *teules* (deuses)<sup>90</sup>. Vários cavalos foram abatidos durante a batalha e um total de 55 espanhóis

---

<sup>81</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 131.

<sup>82</sup> BAHIA, Ítalo Costa. *Guerras sagradas: o caráter religioso das guerras Astecas. Ameríndia-História, cultura e outros combates.*, v. 2, n. 2, p. 5.

<sup>83</sup> *Ibidem*.

<sup>84</sup> PASTOR, Marialba. *Hernán Cortés y sus fieles repetidores*. *Historia y Grafía*, n. 47, p. 91-114, 2016, p. 93.

<sup>85</sup> LEVY, 2012, p.51.

<sup>86</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>88</sup> TODOROV, 2016, p. 80.

<sup>89</sup> MORAIS, 2011, p. 116.

<sup>90</sup> LEVY, 2012, p.72.

foram mortos nessa mesma investida<sup>91</sup>. Percebendo que os tlaxcaltecas ofereciam resistência muito maior do que imaginava, Cortez lança mão de uma emboscada noturna e adentra a cidade de Tlaxcala, realizando um massacre<sup>92</sup>, e forçando, finalmente, o cacique de Tlaxcala – Xicotenga, o Velho – a negociar com ele.

Em Tlaxcala, Cortez firmou acordo com Xicotenga para fornecimento de homens em sua expedição a Tenochtitlán, com o que este concorda de bom grado, haja vista o grande ódio que os tlaxcaltecas nutriam pelos mexicas há gerações. Sem dúvida alguma que a aliança entre Cortez e tlaxcaltecas foi determinante para o seu sucesso na guerra contra os mexicas, pois sem os grandes efetivos fornecidos por Xicotenga, o Velho<sup>93</sup>, jamais o castelhano teria tido condições de realizar um cerco tão efetivo à cidade de Tenochtitlán. O próprio Cortez, que sabia como poucos utilizar as dissidências internas e o ódio entre as etnias indígenas mesoamericanas, ficou assustado com a violência com a qual os tlaxcaltecas guerreavam contra os astecas. Assim diz o próprio conquistador:

Conseguimos ganhar todo aquele bairro e foi tão grande a mortandade que se fez em nossos inimigos que entre mortos e presos passavam dos doze mil. Os índios nossos amigos usavam para com os adversários tanta crueldade, que não diminuía nem com nossas ameaças de castigos<sup>94</sup>.

Em um primeiro momento da conquista, conforme anteriormente abordado, os indígenas chegaram a confundir os espanhóis aos *teules*, ou seja, a deuses<sup>95</sup>, de maneira que o próprio capitão castelhano, logo que soube, por intermédio de Malinche, que era confundido com Quetzalcoatl, procurou fazer uso dessa condição e se aproveitar dela para mostrar-se como “um ser com poderes sobrenaturais<sup>96</sup>”. Aliado a isso, deve-se ressaltar também o efeito inicial amedrontador que os cães de guerra e, sobretudo, que os cavalos causaram nos índios. Dentro dessa perspectiva, Cortez alardeava aos índios que os cavalos eram seres imortais, chegando ao ponto inclusive de enterrar em plena madrugada os equinos mortos em batalha - somente para que os nativos não percebessem que haviam falecido<sup>97</sup>. Gomara nos ilustra outro episódio em que o próprio conquistador, após a vitória na Batalha de Cintla contra os tabascos, faz troça e se diverte ante o desconhecimento indígena daquele enorme animal de guerra:

Cortés en todo era muy avisado, nos dijo riendo a los soldados que allí nos hallamos teniéndole compañía: “Sabéis, señores, que me parece que estos indios temerán mucho a los caballos, y deben de pensar que ellos solos hacen la guerra, y asimismo las lombardas; he pensado una cosa para que mejor lo crean: que traigan la yegua de

---

<sup>91</sup> MORAIS, 2011, p.80.

<sup>92</sup> Ibidem, p. 82.

<sup>93</sup> LEVY, 2012, p. 88.

<sup>94</sup> CORTEZ, 2011, p.139.

<sup>95</sup> GRUZINSKI, 2015, p.172.

<sup>96</sup> MORAIS, 2011, p. 62.

<sup>97</sup> Idem. Ibidem.

Juan Sedeño, que parió el otro día en el navío, y atarla han aqui, adonde yo estoy; y traigan el caballo de Ortiz, el Músico, que es muy rijoso, y tomará olor de la yegua, y desde que haya tomado olor de ella, llevarán la yegua y el caballo cada uno por sí, en parte donde desde que vengan los caciques que han de venir no los oigan relinchar, ni los vean hasta que vengan delante de mí y estemos hablando”. Y así se hizo, según y de la manera que lo mandó.<sup>98</sup>

Esse ardil funcionou e Cortez logrou obter obediência, em nome de sua majestade, daqueles amedrontados caciques tabascos.

Continuando sua rota de conquista, após o famigerado Massacre de Cholula, Cortez seguia desconfiando de que Montezuma estivesse por trás das armadilhas que lhes foram impostas durante o caminho. Por essa razão, preferia confiar em seus instintos quando diversos conselhos militares eram-lhe sugeridos. Por exemplo: nas proximidades do vulcão Popocatepetl, mensageiros do *tlatoani* mexica indicaram a Cortez um caminho aberto a Tenochtitlán – visto que Montezuma já havia aquiescido a encontrar-se com o espanhol – que segundo eles seria mais seguro, o percurso do Chalco<sup>99</sup>. Todavia, após meditar sobre o assunto percebeu que o caminho era “muito íngreme, de muitas pontes e passagens difíceis. Isto nos pareceu muito ruim e temeroso de alguma emboscada”<sup>100</sup>, decidindo Cortez por enviar Diego de Ordaz, juntamente com um pequeno séquito, para investigar o cume daquele monte fumegante<sup>101</sup>. Quando da volta desse enviado, e após receber a informação de que Ordaz percebera, em sua descida do vulcão<sup>102</sup>, que havia um segundo caminho a Tenochtitlán, mas que era mais sinuoso e que também estava bloqueado por pedras; Cortez tem a certeza de que deveria seguir pela trilha aparentemente mais complicada. O caminho por ele tomado mostrou-se o mais acertado, pois o levou sem maiores percalços ao seu destino almejado. Posteriormente, aquela passagem tornou-se conhecida como o “Paso de Cortés”.<sup>103</sup>

De fato, é de fundamental importância compreender que Cortez sempre se mantém atento a tudo a sua volta, inclusive a pequenos detalhes, imaginando planos e estratégias para sobrepor-se militarmente, a exemplo da ocasião em que confiscou todo o armamento pessoal de Montezuma (arcos, flexas, hastas, lanças, etc) e o utilizou como piras quando da execução da pena de morte, na fogueira, de Qualpopoca<sup>104</sup>. Após a sua entrada triunfante em Tenochtitlán, em companhia de Montezuma, Cortez nunca deixou de formular táticas de guerra a partir daquilo que via no interior da cidade, muito embora a intenção do *tlatoani* era

---

<sup>98</sup> CASTILLO, 1976, p. 57.

<sup>99</sup> MORAIS, 2011, p. 89.

<sup>100</sup> CORTEZ, 2011, p. 49.

<sup>101</sup> LEVY, 2012, p. 96.

<sup>102</sup> TODOROV, 2016, p. 150.

<sup>103</sup> LEVY, 2012, p. 97.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 125.

impressionar o conquistador com a grandeza e riqueza da cidade e assim demovê-los da ideia de lá continuarem<sup>105</sup>. Durante meses Montezuma permitiu que Cortez circulasse livremente pela urbe<sup>106</sup>, tendo este se maravilhado com a imponência e grandeza de Tenochtitlán. Não seria desmedido imaginar que o conquistador aproveitou-se desses passeios para observar os pontos fortes e fracos da cidade, eventuais rotas de fuga, locais de armazenamento de armas astecas, vias de abastecimento de água, víveres e cereais para a população local, etc. Sem dúvida alguma, ter adentrado na cidade e conhecer suas minúcias e o modo de vida de seu povo foi um aspecto muito relevante em sua estratégia de conquista.

Por conseguinte, em poucos dias após a sua chegada à cidade de Tenochtitlán, Cortez toma uma de suas decisões mais ousadas e importantes: manda prender ninguém menos do que o grande líder asteca em sua própria terra! Os motivos<sup>107</sup> de tal mandamento extremo foram, segundo o espanhol, uma possível trama de Montezuma, em conluio com os cholulenses, para dar cabo de sua expedição na cidade de Cholula, e também, uma suposta ordem do *tlatoani* para que um de seus tributários realizasse a emboscada contra o enviado de Cortez a Vera Cruz, Juan de Escalante, e da tropa que estava sob comando deste último. Logicamente que essas justificativas não convenceriam o restante da nobreza indígena, motivo pelo qual Cortez ordena que Montezuma se explique aos seus sobrinhos e demais chefes locais que estaria alojado no Palácio de Axayacatl – imóvel onde Cortez se encontrava – por vontade própria e que tudo isso seria vontade do próprio Huitzilopochtli<sup>108</sup>. A estratégia deu certo, e o conquistador logrou manter o líder mexica detido durante o restante da vida dele.

Mesmo com Montezuma detido e com a cidade sob seu controle de fato, Cortez toma medidas cautelares para evitar quaisquer inconfidências por parte dos índios, assim, determinando o confisco de todo o armamento pessoal<sup>109</sup> de Montezuma e o queima em grandes piras. Aliado a isso, ordena que Martín Lopez (um construtor naval da tropa espanhola) construa sigilosamente vários bergantins<sup>110</sup> para garantir uma possível fuga da cidade, com equipamentos e restos das naus que mandara afundar em Vera Cruz. Tais bergantins (foram construídos 13 no total), cujos poderes bélicos eram extremamente superiores aos das canoas indígenas, foram transportados por terra – em sigilo – e remontados

---

<sup>105</sup> RIBEIRO, Alexandra Ferreira Martins et al. *As razões da conquista de Tenochtitlán (1519-1521) contidas na narrativa de Hernan Cortez*. Revista Thema, v. 15, n. 1, p. 186-196, 2018, p.191.

<sup>106</sup> Ibidem, p. 109.

<sup>107</sup> MORAIS, 2011, p. 97.

<sup>108</sup> LEVY, 2012, p. 123.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 125.

<sup>110</sup> MORAIS, 2011, p. 113.

em diques artificiais feitos à margem do lago Texcoco<sup>111</sup>. Cerca de um ano após a expulsão dos espanhóis, no episódio conhecido como *La Noche Triste*, da cidade de Tenochtitlán, esses bergantins foram fundamentais na manutenção do cerco à urbe<sup>112</sup> e, conseqüentemente, na queda do grandioso Império Mexica.

Outro ponto que merece ser ressaltado se trata da sagacidade com que Cortez lidou com a chegada de Pánfilo de Narvaez a Vera Cruz e a tropa que veio com ele com ordens de prender o capitão desobediente<sup>113</sup>. Claramente em desvantagem numérica (cerca de quatro vezes menos homens, animais, e equipamentos<sup>114</sup>), Cortez é obrigado a deixar a cidade de Tenochtitlán e partir para a escaramuça com Narvaez. O ponto fundamental é a maneira como o conquistador obtém sucesso ante a aparente superioridade de Narvaez, com promessas de ganhos a seus soldados e também a alguns partidários de seu inimigo, e, principalmente, com o sucesso de sua estratégia de apanhar Narvaez em uma emboscada surpresa, e não em um combate tradicional<sup>115</sup>. Assim nos diz Salvador de Madariaga sobre o episódio da captura do enviado de Velásquez:

Bernal Diaz julgou, mais tarde, que êle foi um comandante muito sábio não dizendo quantos partidários de Narvaez tinha conquistado para sua causa por meio de pequenas intrigas – para que seus homens pudessem bater-se, como bons soldados, esperando a vitória apenas por sua coragem.

Puseram-se novamente em marcha durante a noite e, a alguma distância de Cempoal, caíram sôbre dois patrulheiros de Narvaez, aprisionando um dêles enquanto o outro fugia e ia prevenir o campo contrário.

(...) Sandoval, com seus 70 homens, subiu correndo as escadarias do teocalli e, depois de breve mas violenta batalha, conseguiu chegar ao cimo justamente ao tempo de ouvir Narvaez exclamar: <<Virgem Maria! Socorram-me! Êles me mataram! Êles me arrancaram um ôlho!>><sup>116</sup>.

Narvaez não chegou a morrer conforme ele exclamara no momento de sua captura, sendo atingido no olho durante a rápida batalha, mas sobrevivendo e feito prisioneiro de Cortez<sup>117</sup>. Além da derrota, Narvaez ainda viu toda a tropa que levava consigo se aliar ao séquito de Cortez, tendo este acrescentado ao próprio exército 1300 homens, 96 cavalos<sup>118</sup>, e mais uma quantidade expressiva de outros bens pertencentes ao Narvaez.

---

<sup>111</sup> MORAIS, 2011, p. 114-115.

<sup>112</sup> DOS SANTOS, Eduardo Natalino. *As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha. Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas*. História Unisinos, v. 18, n. 2, p. 218-232, 2014, p. 223.

<sup>113</sup> CLENDINNEN, Inga. *'Fierce and unnatural cruelty': Cortés and the conquest of Mexico*. Representations, v. 33, p. 65-100, 1991, p. 67.

<sup>114</sup> LEVY, 2012, p. 138.

<sup>115</sup> OTTE, Enrique. *Hernán Cortés*. México, Universidad Nacional Autónoma de México-Fondo de Cultura Económica 1990, p. 147-148.

1990, p. 147-148.

<sup>116</sup> MADARIAGA, 1961, p. 278.

<sup>117</sup> OTTE, 1990, p. 148.

<sup>118</sup> LEVY, 2012, p.150.

Não obstante a expressiva vitória sobre um inimigo materialmente superior, devido a uma estratégia costurada pelo próprio Cortez, logo o líder espanhol recebe desagradáveis notícias de um levante indígena contra um massacre perpetrado por Pedro de Alvarado<sup>119</sup>. Desta feita, Hernán Cortez rapidamente parte em retorno, com seus novos efetivos, a Tenochtlán, sem desconfiar que grande contingente de seu exército seria esmagado no combate contra coléricos astecas, na famigerada fuga espanhola que ficou conhecida como *La Noche Triste*<sup>120</sup>. Após tal derrota física e moral, Cortez demoraria aproximadamente mais um ano para adentrar vitorioso à lendária cidade asteca de Tenochtitlán.

Sem embargo, ainda que Cortez tenha sofrido essa acachapante derrota que foi chamada de *La Noche Triste*, ele soube recuperar-se rapidamente e em seguida esmagar o que sobrou dos exércitos astecas. Não por acaso que grandes escritores comparam os feitos desse espanhol com o de grandes figuras militares do passado, a exemplo de Pietro Savorgniani que o compara a Alexandre e a Aníbal<sup>121</sup>, e Gruzinski, que por outro lado, aduz que “a conquista do México encontraria seu Júlio César sob a pena de Hernán Cortés, que fixou a imagem triunfante desse acontecimento”<sup>122</sup>. O fato é que a inteligência e a astúcia privilegiadas deste espanhol foram um diferencial para o sucesso de sua empreita.

---

<sup>119</sup> OTTE, 1990, p. 148.

<sup>120</sup> Todorov assevera ter Cortez perdido metade de seu exército durante a fuga de Tenochtitlán (TODOROV, 2016, p. 76).

<sup>121</sup> SAVORGNIANI, apud GRUZINSKI, 2015, p.90.

<sup>122</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 89.

### CAPÍTULO 3 – MONTEZUMA E A QUEDA DO GLORIOSO IMPÉRIO ASTECA

Montezuma está morto. Os espanhóis, encurralados. Cuitlahuac – poucos dias antes de Montezuma tombar - é eleito pelos astecas o novo *tlatoani* e está disposto a castigar ferozmente a tropa de Cortez, juntamente a ele os aliados indígenas. Para tanto montou um cerco ao palácio de Axayácatl, onde os espanhóis ficaram sitiados<sup>123</sup>; cortou o fornecimento de grãos e víveres<sup>124</sup> e ainda promovia pequenas escaramuças diárias como forma de esgotar física e moralmente o exército inimigo<sup>125</sup>.

O capitão espanhol, percebendo que seu séquito padecia aos poucos perante as diárias investidas de Cuitlahuac, resolve que a melhor opção seria fugir da cidade com o maior número possível de homens e com a maior quantidade de tesouros que fosse admissível carregar com eles. O dia da fuga seria na noite de 30 de junho de 1520, dois dias passados da morte de Montezuma<sup>126</sup>. Muitos espanhóis abarrotaram as vestes de ouro, prata e joias. Inclusive, durante a fuga, vários europeus morreram afogados no lodo<sup>127</sup> justamente em razão do peso do tesouro acondicionado em suas armaduras.

Cortez, vendo-se cercado pelo raivoso Cuitlahuac, decidiu mandar seus carpinteiros construírem pontes portáteis de madeira, de maneira que as pudesse utilizar durante a travessia do passadiço de Tacuba (que era o mais curto)<sup>128</sup>, pois todos os demais foram inutilizados e tiveram suas pontes destruídas pelos índios astecas<sup>129</sup>. Assim, na fatídica madrugada, para os espanhóis e aliados, entre os dias 30 de junho e 1º de julho de 1520, o capitão iniciou a sua fuga da cidade. Todavia, rapidamente os canais do passadiço de Tacuba ficaram infestados das canoas mexicas e a tropa corteziana viu-se encurralada em suas pontes portáteis. A imagem do desespero espanhol pode ser retratado neste pequeno relato de Bernal Díaz de Castillo:

Vimos todo o lago tão coalhado de canoas que não nos podíamos valer, e muitos dos nossos já haviam cruzado (...) nos atacou uma tal multidão de mexicanos para retirar a ponte e matar e ferir os nossos que não nos podíamos valer (...) e como um mal não vem sozinho, por causa da chuva dois cavalos escorregaram, se assustaram e caíram na lagoa. Ao ver aquilo, eu e outros do destacamento lutamos para chegar do outro lado, mas eram tantos guerreiros mexicanos no ataque que, por melhor que lutássemos, e matamos muitos deles, não se podia mais aproveitar [a ponte]. De

<sup>123</sup> MORAIS, 2011, p. 103.

<sup>124</sup> MILLER, Hubert J. *Hernan Cortes; Conquistador and Colonizer. The Tinker Pamphlet Series for the Teaching of Mexican American Heritage*. 1972, p. 21-22.

<sup>125</sup> VAN ZANTWIJK, Rudolf. *La política y la estrategia militar de Cuitlahuatzin*. Estudios de cultura náhuatl, v. 41, p. 19-39, 2010.

<sup>126</sup> MORAIS, 2011, p. 104.

<sup>127</sup> Idem. Ibidem.

<sup>128</sup> LEVY, 2012, p. 172

<sup>129</sup> Idem. Ibidem.

maneira que aquela passagem ou abertura de água logo se encheu de cavalos mortos, índios (...) servos, pacotes e caixas.<sup>130</sup>

O próprio Castillo, soldado de Cortez que também conseguiu sobreviver a *La Noche Triste*, conta mais um pouco sobre a fúria mexicana que se abateu sobre eles:

Demás de esto, aquella noche, siempre cercados de mexicanos y gritas y varas y flechas, con hondas, sobre nosotros, acordamos de salirnos de allí a medianoche, y con los tlaxcaltecas, nuestros guías, por delante, con muy buen concierto caminar, los heridos en medio y los cojos con bordones, y algunos que no podían andar y estaban muy malos a ancas de caballos de los que iban cojos, que no eran para batallar, y los de a caballo que no estaban heridos, delante y a un lado y a otro repartidos. Y de esta manera todos nosotros los que más sanos estábamos, haciendo rostro y cara a los mexicanos, y los tlaxcaltecas heridos dentro del cuerpo de nuestro escuadrón, y los demás que estaban sanos hacían cara juntamente con nosotros, porque los mexicanos nos iban siempre picando con grandes voces y gritos y silbos, y decían: ‘Allá iréis donde no quede ninguno de vosotros a vida’.<sup>131</sup>

O próprio Hernán Cortez quase foi abatido durante a travessia, mas sobreviveu, ainda que com vários ferimentos sérios, tais como “o crânio fraturado em dois pontos, dois dedos esmagados, e um joelho latejando – inchado, arroxado e bulboso”<sup>132</sup>. Foi necessário um longo repouso na cidade de Tlaxcala para que o capitão finalmente pudesse se recuperar e partir para o assédio final à cidade de Tenochtitlán.

Esse foi, certamente, o pior baque que Cortez sofreu ao longo de toda a sua campanha de conquista, afinal não lhe restavam mais do que quatrocentos e quarenta espanhóis, vinte cavalos, doze balestras, sete escopeteiros e sem um mínimo de pólvora<sup>133</sup>, ou seja, menos soldados do que quando adentrou pela primeira vez em Tenochtitlán<sup>134</sup>.

O que se extrai desse episódio é que os astecas efetivamente tinham condições de enfrentar, com relativo sucesso, as hostes espanholas, haja vista que Cuitlahuac, irmão do próprio Montezuma<sup>135</sup>, logrou expulsar Cortez, os espanhóis, os aliados tlaxcaltecas, e demais inimigos da grande Tenochtitlán de maneira feroz, abatendo um grande número de homens do exército rival e quase eliminando o grande capitão castelhano. Isso nos leva a refletir: Por que Montezuma não agiu dessa forma e esmagou o inimigo espanhol quando teve oportunidade? Por que deixou tornar-se prisioneiro dentro de sua própria cidade? Essas e outras questões de natureza semelhante são objeto de inúmeros debates acadêmicos e historiográficos até os dias atuais.

---

<sup>130</sup> CASTILLO, apud LEVY, 2012, p. 175.

<sup>131</sup> CASTILLO, 1976, p. 258.

<sup>132</sup> LEVY, 2012, p.183.

<sup>133</sup> CASTILLO, 1976, p. 261

<sup>134</sup> CASTILLO, 1976, p. 261.

<sup>135</sup> LEVY, 2012, p.163.



### 3.1- Montezuma, covarde ou sábio?

Em 4 de novembro de 1520<sup>136</sup> – portanto, poucos meses após *La Noche Triste* e a expulsão dos espanhóis de Tenochtitlán, Cuitlahuac, o recém-eleito *tlatoani*, morre vítima de varíola, doença que foi trazida por um escravo do séquito de Narvaez<sup>137</sup>. A epidemia atingiu os mesoamericanos em outubro de 1520 e foi responsável pela dizimação de milhões de indígenas (que à época não possuíam as defesas biológicas contra a enfermidade)<sup>138</sup>. O novo imperador eleito pelos nobres mexicas foi o último *tlatoani* pré-hispânico, Cuauhtemoc, cujo nome significa “A águia que cai”, ou ainda, “*es el sol por la tarde*”<sup>139</sup>. Uma infeliz coincidência com o que viria a acontecer ao seu império nas mãos de Cortez.

Sobrinho de Montezuma e de Cuitlahuac, Cuauhtemoc era filho do oitavo imperador asteca, Ahuitzotl<sup>140</sup> e, segundo descrição de Bernal Diaz del Castillo, era um jovem de uns vinte e cinco anos, forte e beligerante, tão terrível que os demais índios ficavam brancos em sua presença<sup>141</sup>. O último imperador tinha desprezo tão grande em relação ao Montezuma que há relatos nativos de que teria sido o próprio Cuauhtemoc o autor da pedrada que vitimou o tio<sup>142</sup>.

Cuauhtemoc não perdoava Montezuma por este ter sido tão passivo para com os espanhóis<sup>143</sup>. Nesse sentido, Tovar nos revela um episódio interessante, inclusive asseverando que Cuauhtemoc assimilava Montezuma a uma mulher de espanhol. Segundo este cronista, “A águia que cai” teria dito, por ocasião da subida do tio ao terraço do palácio de Axayacatl, o seguinte:

‘Que diz esse covarde do Montezuma, essa mulher de espanhóis, porque é esse o nome que podemos dar a ele, já que se entregou a eles como uma mulher, por medo, deixando-nos com pés e mãos atados, atraiu sobre nós todos esses males’.<sup>144</sup>

Montezuma poderia, de fato, ter ficado atordoado, desde o início, com a notícia da chegada de um estrangeiro – branco, barbado - com um exército junto a si, e com animais e armas de guerra jamais vistas pelo povo mexica. Já foi abordado alhures que o líder mexica

---

<sup>136</sup> LEVY, 2012, p. 205.

<sup>137</sup> MORAIS, 2011, p. 103.

<sup>138</sup> RESTALL, apud LEVY, 2012, p. 198.

<sup>139</sup> CASO, Alfonso. El águila y el nopal. *Estudios de Cultura Náhuatl*, v. 50, p. 355-369, 2015. Disponível em: <<http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn50/1011.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2019, p. 366.

<sup>140</sup> LEVY, 2012, p. 205.

<sup>141</sup> CASTILHO, 1976, p. 360.

<sup>142</sup> Códice Ramirez, apud LEVY, 2012, p. 206.

<sup>143</sup> ACOSTA, apud ALEGRÍA DE LA COLINA, Margarita. *Cuauhtémoc: un personaje relevante en la literatura mexicana del siglo XIX*. 2007, p. 82.

<sup>144</sup> TOVAR, apud TODOROV, 2016, p. 130.

era muito devoto a Quetzalcoatl e que o ano de 1519, segundo o calendário asteca, poderia significar o retorno desse deus para tomar o trono do qual foi expulso. Devemos, no entanto, ponderar que realmente seria razoável essa confusão inicial da relação entre a antiga deidade e o conquistador Cortez, mas, há de se considerar, por outro lado, que outros indígenas, inclusive de outras etnias, rapidamente perceberam que o espanhol nada tinha de divino e ofereceram-lhe severa resistência armada antes de o castelhano adentrar em seus territórios, a exemplo dos tlaxcaltecas, que, somente se aliaram a Cortez após uma guerra sangrenta<sup>145</sup>. Xicotenga, o Jovem, por exemplo, segundo Castillo, mandou mensagem ao capitão espanhol dizendo que eles poderiam ir à cidade de Tlaxcala “onde estava o seu pai<sup>146</sup> e eles fariam a paz conosco empanturrando-se com a nossa carne e reverenciando os seus deuses com os nossos corações e o nosso sangue”<sup>147</sup>.

Os índios otomi – antes ainda dos tlaxcaltecas - também logo descobriram que Cortez era apenas um ser humano comum, um invasor estrangeiro, quando lograram matar dois cavalos, distribuir a carne deles entre as aldeias e ainda oferecer as ferraduras aos seus deuses<sup>148</sup>. Portanto, com a sua extensa rede de espionagem, é certo concluir que Montezuma já teria sido informado das características terrenas, e não divinas, dos estrangeiros barbados que aportaram no continente, conforme alguns testemunhos indígenas que mostravam que os espanhóis eram seres bárbaros e corrompidos por ouro<sup>149</sup>. Bueno Bravo, citando Muñoz Camargo, assim argumenta:

Los testimonios indígenas muestran que no sólo no creían que eran dioses, sino que se les presenta como seres bárbaros y corrompidos por el oro, a los que venían observando desde hacía años y a los que Moctezuma no consideraba un problema y mucho menos les temía: “Si fuesen dioses, decían ellos, no derribaran nuestros oráculos, ni maltrataran a nuestros dioses, porque fueran sus hermanos, y pues que los maltratan y derriban no deben de ser dioses, sino gentes bestiales y bárbaras [...] vista la poca copia de gente que era, Moctheuzoma no hizo caso ni imaginó su perdición, antes entendiendo que si fuesen dioses los aplacaríá con sus sacrificios y oraciones y otros sufragios, y que si fuesen hombres era muy poco su poder”<sup>150</sup>.

Mas, mesmo diante dessas constatações, Montezuma prefere punir os mensageiros que lhe apresentam os fatos<sup>151</sup>. O cronista Diego Durán ressalta que a reação inicial do *tlatoani* mexicana diante dessas informações “é querer se esconder no fundo de uma gruta profunda”<sup>152</sup>.

---

<sup>145</sup> LEVY, 2012, p. 80-81.

<sup>146</sup> Xicotenga, o Velho – cacique de Tlaxcala.

<sup>147</sup> CASTILLO, apud LEVY, 2012, p. 78.

<sup>148</sup> PRESCOTT, apud LEVY, 2012, p. 72.

<sup>149</sup> BUENO BRAVO, Isabel. *El trono del águila y el jaguar. Una revisión a la figura de Moctezuma II*. Estudios de cultura náhuatl, v. 39, n. 039, 2008, p. 150.

<sup>150</sup> Ibidem, p. 150-151.

<sup>151</sup> TODOROV, 2016, p. 100.

<sup>152</sup> DURÁN, apud TODOROV, 2016, p.99.

É importante refletir, de outra feita, sobre o porquê de Montezuma ter tido conduta tão avessa às suas próprias anteriores. Um imperador reconhecidamente implacável com seus inimigos e também, por que não dizer, o último conquistador asteca pré-hispânico – cuja violência e atrocidades cometidas contra outras etnias são levadas a conhecimento do soldado Bernal Díaz del Castillo, por meio de queixas de habitantes das aldeias pelas quais eles passaram antes de chegarem a Tenochtitlán: “queixam-se muito de Montezuma e de seus coletores de impostos, que lhes roubavam tudo o que tinham, e que, se suas mulheres e filhas fossem formosas, violentavam-nas diante deles e de seus maridos, e roubavam-nas, e que obrigavam-nos a trabalhar como se fossem escravos, e pedras e lenha e muitos outros serviços de semear milharais (...) e muitas outras queixas”<sup>153</sup>.

Para Pietro Martyr, cronista que ficou na Espanha, Montezuma teria sido um sábio porque suportava tudo com paciência para que não gerasse sublevações de seus súditos e dos nobres, “é como se quisesse imitar Diocleciano, que preferiu tomar veneno a tomar de novo as rédeas do império ao qual tinha abdicado”<sup>154</sup>. Gruzinski, por outro lado, menos elogioso nos adjetivos do que Martyr, argumenta que Montezuma fez o que ele denominou de “oposição afável”, mas firme a Cortez<sup>155</sup>, e que o *tlatoani* teria evitado confrontos com os espanhóis dentro da cidade de Tenochtitlán porque não desejava abalar e desestabilizar o seu poder perante os seus aliados da Tríplice Aliança<sup>156</sup>.

Ao longo dos séculos a historiografia sobre a conquista do México tem se debruçado a procurar hipóteses e teorias sobre o motivo pelo qual Montezuma teria abruptamente mudado o seu comportamento belicoso e expansionista para um outro, extremamente concessivo aos interesses de um invasor estrangeiro. Cronistas atribuem a Montezuma grandes virtudes guerreiras no início de seu reinado, contudo, ele parece não tê-las utilizado muito contra os estrangeiros europeus<sup>157</sup>.

Como compreender, portanto, essa mudança de atitude de Montezuma? De um lado, Gruzinski sugere que, à semelhança dos acontecimentos na China (por ocasião da recepção do português Tomé Pires na corte imperial de Pequim), a Tríplice Aliança mexicana, por meio do imperador Montezuma, foi colocando testes pelo caminho da expedição corteziana, espécies de bloqueios impostos para tentar entender quais seriam os interesses dos invasores

---

<sup>153</sup> CASTILLO, apud TODOROV, 2016, p.82.

<sup>154</sup> MARTYR, apud TODOROV, 2016, p. 79.

<sup>155</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 130.

<sup>156</sup> Ibidem, p. 145.

<sup>157</sup> Ibidem, p. 24.

e também as suas capacidades de adaptação a um terreno diferente<sup>158</sup>. Por essa ótica, percebe-se que Montezuma poderia estar tentando entender a natureza do inimigo antes de tomar qualquer atitude precipitada. Em outra esteira, Todorov argumenta que o *tlatoani* foi incapaz de perceber a identidade humana<sup>159</sup> dos espanhóis, justamente por privilegiar as relações com deuses em detrimento das inter-humanas<sup>160</sup>.

Conforme Montezuma recebia as informações do avanço da horda castelhana, e sobre como Cortez manifestava insistente desejo de encontrá-lo, o imperador mexica amedrontava-se, ficava mudo, paralisado; atitudes nas quais, na concepção de Todorov, já demonstrava a derrota<sup>161</sup>.

É válido destacar que o comportamento de Montezuma não representa, em sua totalidade, o sentimento de outros líderes e nobres da aliança mexicana, vários deles, inclusive, defenderam – sem sucesso num primeiro momento - a imediata defenestração de Cortez das terras mesoamericanas, a exemplo do próprio Cuitlahuac<sup>162</sup>. Montezuma deu de ombros a esses conselhos e permitiu o avanço destruidor espanhol. Lamentavelmente a falta de documentos nativos e contemporâneos à conquista não nos permite analisar mais profundamente a mentalidade de Montezuma e dos antigos mexicanos<sup>163</sup>; jamais saberemos, por exemplo, se o imperador mexicano estava acometido de alguma desordem emocional – uma depressão, talvez. Atualmente, impossível saber.

O episódio do cativo de Montezuma elevou a temperatura entre os nobres que advogavam pela expulsão dos espanhóis, ocasião em que o imperador foi tachado por muitos como fraco, covarde, patético<sup>164</sup>. Todavia, Buddy Levy sugere que se a psicologia moderna pudesse ser tomada em amparo, seria razoável pensar que Montezuma pudesse estar sob influência de síndrome de Estocolmo, quando o oprimido revela simpatia pelo captor<sup>165</sup>.

Pragmaticamente, a permissão que Montezuma ofereceu a Cortez de entrar e transitar livremente pela grandiosa cidade de Tenochtitlán, sem qualquer embaraço, talvez tenha sido um erro estratégico fatal, pois os meses em que Hernán Cortez permaneceu na cidade mexica serviram para que ele conhecesse a fundo as fraquezas e também as vantagens militares de toda a cidade. O olhar de Cortez está sempre atento a todas as questões militares<sup>166</sup>. Permitiu-

---

<sup>158</sup> Ibidem, p. 132.

<sup>159</sup> TODOROV, 2016, p. 105.

<sup>160</sup> Idem. Ibidem.

<sup>161</sup> TODOROV, 2016, p. 98.

<sup>162</sup> BUENO BRAVO, 2008, p. 151

<sup>163</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 41.

<sup>164</sup> LEVY, 2012, p. 135.

<sup>165</sup> Idem. Ibidem.

<sup>166</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 230.

lhe avaliar a capacidade bélica, a quantidade de homens de guerra e a qualidade do armamento que possivelmente aquele povo iria utilizar contra ele. Esse trânsito livre que Montezuma ofereceu a Cortez também gerou no conquistador a motivação para a construção – em segredo – dos famosos 13 bergantins que foram fundamentais para o cerco<sup>167</sup> e consequente conquista dos astecas no ano seguinte após a morte de Montezuma.

### 3.2- A derrocada de uma grande civilização

O massacre de Pedro de Alvarado no Templo Maior, durante a Festa de Toxcatl, sem dúvida alguma desencadeou a revolta dos mexicas contra o seu líder Montezuma e os espanhóis, que a essa altura já não gozavam do status de outrora. A maioria dos nobres não mais apoiavam o *tlatoani* que se tornou refém de Cortez e, pouco antes do controvertido episódio da pedrada em Montezuma, resolveram destituí-lo de suas funções e eleger Cuitlahuac o novo *tlatoani*<sup>168</sup>.

Cuitlahuac, tão logo eleito o novo imperador mexica, manda erguer todas as pontes e bloquear todas as saídas da cidade, encurralando Cortez e preparando o ataque mexica<sup>169</sup>. Após uma semana de cerco, Cortez, sua tropa, e os tlaxcaltecas aliados, são enxotados humilhantemente da cidade (*La Noche Triste*). Portanto, com o pulso firme de Cuitlahuac, em pouquíssimos dias, restou demonstrado aos astecas que era sim possível debelar a invasão espanhola. E com esse ânimo renovado conseguiram resistir por praticamente mais um ano ao assédio ibérico.

Cortez sofreu a sua mais dolorida derrota desde que pisou no planalto mexicano, perdeu centenas de espanhóis e milhares de aliados indígenas durante a fuga de Tenochtitlán – nas contas do próprio Cortez teriam perecido cento e cinquenta espanhóis, quarenta e cinco cavalos e mais de dois milhares de índios aliados<sup>170</sup>. Porém, ele não contava com um aliado inesperado – a varíola – que foi trazida ao continente por um escravo do séquito de Narvaez. Cuitlahuac, o imperador, sucumbiu em novembro de 1520<sup>171</sup> abatido justamente por esse aliado.

Um jovem sobrinho de Montezuma, Cuauhtemoc (que também desprezava o tio pelo

---

<sup>167</sup> LEVY, 2012, p. 203.

<sup>168</sup> BUENO BRAVO, 2008, p. 161.

<sup>169</sup> LEVY, 2012, p. 164

<sup>170</sup> CORTEZ, 2011, p.81.

<sup>171</sup> MORAIS, 2011, p. 103.

que ele chamava de fraqueza e covardia)<sup>172</sup>, é eleito o novo *tlatoani* e consegue resistir ao cerco espanhol por mais vários meses, embora, a essa altura, fosse bastante improvável que lograsse a vitória sobre Cortez e seus aliados. A população de Tenochtitlán e de suas cidades aliadas sofreram um severo decréscimo em razão justamente da epidemia da varíola. Para se ter uma noção da magnitude dessa catástrofe humanitária: “México: às vésperas da conquista, população de aproximadamente 25 milhões; em 1600, 1 milhão”<sup>173</sup>. Não seria exagero afirmarmos que o que lá ocorreu foi um verdadeiro genocídio, ainda que os espanhóis não tivessem “empreendido um extermínio direto desses milhões de índios, e não podiam tê-lo feito”<sup>174</sup>. A responsabilidade pela maior parte da mortandade indígena deve-se às doenças causadas pelo “choque microbiano”<sup>175</sup>.

Nessa esteira, considerando a diminuição exponencial do número de vidas indígenas que seriam absolutamente necessárias para se oporem ao assédio de Cortez, bem como pela superioridade bélica naval que o conquistador detinha – em razão dos 13 bergantins – construídos por Martin Lopez (que afundavam facilmente as canoas de guerra astecas); Cuauhtemoc é capturado em 13 de agosto de 1521 e Cortez finalmente entra triunfante na cidade de Tenochtitlán<sup>176</sup>.

Assim descreve o próprio Cortez acerca de sua entrada vitoriosa em Tenochtitlán:

Os inimigos estavam em tão má situação que não possuíam nem mais flechas e lanças para combater e tinham que caminhar por sobre os corpos de seus mortos. Foi tanta mortandade que causamos que entre mortos e presos somou-se mais de quarenta mil almas. Era tanto o choro de mulheres e crianças que não havia a quem não ferisse o coração. Nossa preocupação passou a ser a de conter nossos aliados para que não cometessem tanta crueldade com os índios inimigos. Aliás, em nenhuma parte do mundo vi tanta maldade como entre os nativos desta região. Os índios nossos amigos fizeram tão grande desposo que não podíamos lhes conter, pois éramos apenas novecentos espanhóis e eles mais de cento e cinquenta mil<sup>177</sup>.

E assim cai uma das mais magníficas civilizações de todo o continente americano.

---

<sup>172</sup> TODOROV, 2016, p. 130.

<sup>173</sup> Ibidem, p.191.

<sup>174</sup> TODOROV, 2016, p. 192.

<sup>175</sup> Ibidem, p. 193.

<sup>176</sup> CORTEZ, 2011, p. 141.

<sup>177</sup> Idem. Ibidem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A derrota asteca para um punhado de espanhóis – o próprio Bernal Diaz de Castillo impressiona-se com a maneira pela qual os mexicas são subjugados, pois repete inúmeras vezes que eram tão poucos, que estavam tão fracos, e exaustos<sup>178</sup>. O fato é que até os dias atuais muitos historiadores se debruçam sobre o assunto com o intuito de se buscar explicações pragmáticas que revelem como foi possível que Hernán Cortez, liderando uma pequena expedição irregular, do ponto de vista das normas hierárquicas espanholas, pudesse esmagar um império gigante e poderoso como o que o Montezuma liderava.

Sun Tzu, um estrategista chinês, já nos idos do séc. V a.C., aduzia que “a guerra é de vital importância para a nação. É o domínio da vida ou da morte, o caminho para a sobrevivência ou a destruição. É necessário avaliá-la corretamente”<sup>179</sup>. Montezuma não foi capaz de avaliar acertadamente o caráter bélico e de conquista que Cortez trazia consigo. Por outro lado, o castelhano soube, como poucos líderes militares, se adaptar ao novo, aproveitar-se das rivalidades internas, e também sempre mostrou força, mesmo quando estava em frangalhos. Ele seguiu fielmente – ainda que de maneira inconsciente (pois não temos indícios de que Cortez tenha estudado a obra de Tzu) – vários dos preceitos defendidos pelo chinês para o sucesso na guerra, como por exemplo na consolidação de alianças com índios inimigos de seu adversário principal, os astecas. Sun Tzu já asseverava que “se as tropas inimigas estão em desordem, tente bagunçá-las, se estão unidas, semeie a discórdia. Ataque-as quando não estiverem preparadas; apareça repentinamente. Esses são os meios seguros para a vitória”<sup>180</sup>.

Neste breve opúsculo tivemos a oportunidade de abordar algumas das principais discussões historiográficas acerca da responsabilidade de Montezuma e de Cortez no resultado final que foi a queda do império asteca. É certo que o *tlatoani* teve uma conduta muito controversa e permissiva para com este castelhano, visto que para os índios mesoamericanos a vinda de espanhóis – de seres humanos “barbados” e diferentes - não era novidade, haja vista que anos antes de 1519, duas expedições espanholas foram expulsas do continente, a primeira delas capitaneada por Francisco Hernandez de Córdoba, e a segunda por Juan de Gijalva. Montezuma, conforme já abordado, nada ignorava e também já sabia

---

<sup>178</sup> CASTILLO, apud TODOROV, 2016, p. 102.

<sup>179</sup> TZU, 2017, p. 25.

<sup>180</sup> Ibidem, p. 27.

de todos os passos dos espanhóis desde a primeira expedição<sup>181</sup>, o que, segundo Gruzinski, já contradiz a versão de que os índios supostamente ficaram paralisados pela estranheza e pelas armas dos invasores<sup>182</sup>, uma vez que a primeira expedição de Francisco Hernandez de Córdoba, em 1517 foi esmagada pelos indígenas.

Nessa esteira, na avaliação de Todorov, a principal e fatal falha estratégica de Montezuma foi fechar-se e não procurar entender o outro, baseando-se sempre em primados religiosos, presságios, profecias (como a da volta de Quetzalcoatl) nas suas tomadas de decisões. Montezuma era muito hábil na colheita de informações sobre tlaxcaltecas, tarascos, huastecas, mas, segundo Todorov, os espanhóis eram tão diferentes que todo o sistema de colheita de informações é abalado<sup>183</sup>. Montezuma recusa-se a comunicar-se com os invasores (na primeira fase da conquista)<sup>184</sup>, pune os mensageiros que lhe trazem notícias desagradáveis e também castiga os sacerdotes que lhe trazem maus presságios<sup>185</sup>. Portanto, quando Montezuma se amedronta e paralisa-se com o conteúdo dos relatos, estes já seriam o sinal de sua derrota<sup>186</sup>, haja vista que o *tlatoani* mexica deve ser, como o próprio nome diz, um mestre da palavra; Montezuma hesitou e calou-se no momento mais importante, onde seus subordinados astecas esperavam dele justamente o contrário. Cortez, por outro lado, sempre recompensava os seus mensageiros e ouvia atentamente os seus conselheiros, ainda que não concordasse com eles<sup>187</sup>.

A conquista mexicana nada teve de deliberada, muito pelo contrário, no século XVI, o imperador espanhol Carlos V estava mais interessado na empreitada asiática do que na americana<sup>188</sup>. Cortez embarca numa aventura pelo continente americano já sabendo da precariedade de sua autorização legal, pois quando Diego Velásquez o nomeia como capitão da terceira expedição, o imperador ainda não havia permitido a colonização, suas ordens eram apenas para fazer mercancia, e não conquista<sup>189</sup>. Não obstante, à revelia de suas ordens iniciais, em novembro de 1518, Cortez sorrateiramente zarpa da ilha cubana em direção ao continente, causando a ira do alcaide de Cuba.

---

<sup>181</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 100.

<sup>182</sup> Ibidem, p.99.

<sup>183</sup> TODOROV, 2016, p. 102.

<sup>184</sup> Ibidem, p. 97.

<sup>185</sup> Ibidem, p, 100.

<sup>186</sup> Ibidem, p. 98.

<sup>187</sup> Ibidem, p. 148.

<sup>188</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 108.

<sup>189</sup> Ibidem, p.113.



O episódio da prisão de Montezuma, dentro da capital de seu império, sem qualquer resistência dele, gerou um sentimento muito forte de revolta contra os espanhóis e também contra o próprio *tlatoani*, que, na visão de boa parte dos astecas, demonstrou fraqueza e covardia perante o inimigo<sup>190</sup>. Não se pode negar o arrojamento da estratégia de Cortez de prender Montezuma sem causar muitos distúrbios entre a população. O espanhol, desde o momento em que pisou em Tenochtitlán, sempre tramou uma forma de realizar esse feito sem precisar guerrear, oportunidade que lhe foi dada após a notícia de uma emboscada ao espanhol Juan de Escalante, em Vera Cruz, por Qualpopoca, um subordinado de Montezuma<sup>191</sup>. Era tudo o que Cortez precisava.

No entanto, como explicar uma derrota tão acachapante, mesmo com a oposição afável, mas, segundo Gruzinski, firme<sup>192</sup> de Montezuma aos espanhóis? Obviamente que o comportamento de Montezuma, conforme abordamos ao longo deste trabalho, foi um fator preponderante na queda de seu império, mas não foi o único. Há muitas discussões na historiografia, por exemplo: a diplomacia do Cortez, que demonstrou muita habilidade por aproveitar-se das divisões internas e ódios entre as etnias indígenas mesoamericanas; o pragmatismo do capitão espanhol, que não se deixou influenciar por paixões religiosas quando de sua interpretação da linguagem; a superioridade do armamento, com a prevalência do ferro sobre o cobre indígena<sup>193</sup>; além disso, a devastação causada pelas doenças também foi um fator fundamental na derrocada mesoamericana<sup>194</sup>.

A genialidade militar de Cortez é narrada em muitas obras ao longo dos séculos. Pietro Savorgniani, que compara o castelhano a Alexandre, o Grande, e também a Aníbal Barca<sup>195</sup>; o humanista Petro Martire, em suas cartas de nobreza, vê semelhanças entre a expedição de Cortez, a vitoriosa guerra de Júlio César contra os helvécios e germanos, e a escaramuça de Temístocles contra as hordas de Xerxes<sup>196</sup>; o próprio Gruzinski diz que “a

---

<sup>190</sup> MORAIS, 2011, p. 98.

<sup>191</sup> LEVY, 2012, p. 120-121.

<sup>192</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 130.

<sup>193</sup> Em um pequeno exercício de história comparada, Gruzinski relaciona as tentativas de conquista da China, no século XVI, pelos portugueses, e a efetiva conquista do México no mesmo século. Segundo ele, os chineses eram conscientes de que o armamento português era muito superior e, para não serem subjugados, procuraram formas de obter os segredos delas, obtendo sucesso nesse intento. De outra feita, os índios mexicanos foram incapazes de manejar as armas espanholas quando as tomavam deles, citando inclusive uma afirmação do Frei Bernardino Sahagún, de que os índios chegaram ao ponto de atirar na água um canhão espanhol (GRUZINSKI, 2015, p. 185; 190-191).

<sup>194</sup> GRUZINSKI, 2015, p.160.

<sup>195</sup> SAVORGNIANI, apud GRUZINSKI, 2015, p. 90.

<sup>196</sup> MARTIRE, apud GRUZINSKI, 2015, p. 126.

conquista do México encontraria o seu Júlio César sob a pena de Hernan Cortez”<sup>197</sup>. Com efeito, Todorov argumenta que Cortez não ignorava o exemplo do rei aragonês Fernando, o Católico, e que os estratagemas levados a efeito pelo capitão espanhol aproximavam-se muito dos preceitos de Maquiavel<sup>198</sup>.

Pelas razões acima apresentadas, percebemos que a abrangência, as minúcias e as particularidades do estudo da conquista do México são inesgotáveis. Certamente o relacionamento de Hernán Cortez e Montezuma Xocoyotzin são fontes para um constante debate historiográfico acerca das responsabilidades de cada um deles neste importante marco histórico.

---

<sup>197</sup> GRUZINSKI, 2015, p. 89.

<sup>198</sup> TODOROV, 2016, p.168.

## BIBLIOGRAFIA

Fontes:

CASTILLO, Bernal Diaz Del. *Historia Verdadera de La Conquista de Nueva España*. 11. ed. México: Porrúa, 1976.

CORTEZ, Hernán, 1485 -1547. *A Conquista do México*; tradução de Jurandir Soares dos Santos; ilustrações de Théodore de Bry – Porto Alegre: L&PM, 2011.

Referências bibliográficas:

ALEGRÍA DE LA COLINA, Margarita. *Cuauhtémoc: un personaje relevante en la literatura mexicana del siglo XIX*. 2007. Disponível em: <[http://zaloamati.azc.uam.mx/bitstream/handle/11191/2882/Cuauhtemoc\\_un\\_personaje\\_relevante.pdf?sequence=1](http://zaloamati.azc.uam.mx/bitstream/handle/11191/2882/Cuauhtemoc_un_personaje_relevante.pdf?sequence=1)>. Acesso em 16 set. 2019.

BAHIA, Ítalo Costa. *Guerras sagradas: o caráter religioso das guerras Astecas. Ameríndia-História, cultura e outros combates.*, v. 2, n. 2.

BILLING, Samantha. *Rethinking the Conquest: an exploration of the similarities between pre-contact Spanish and Mexica society, culture, and royalty*. 2015. Disponível em: <<https://scholarworks.uni.edu/etd/155/>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

BUENO BRAVO, Isabel. *El trono del águila y el jaguar. Una revisión a la figura de Moctezuma II*. Estudios de cultura náhuatl, v. 39, n. 039, 2008.

CASO, Alfonso. *El águila y el nopal. Estudios de Cultura Náhuatl*, v. 50, p. 355-369, 2015. Disponível em: <<http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn50/1011.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

CHAN, Román Piña. *Quetzalcoatl: Serpiente Emplumada*. México: Fondo de Cultura Económica SA, 1977.

CLENDINNEN, Inga. 'Fierce and unnatural cruelty': Cortés and the conquest of Mexico. *Representations*, v. 33, p. 65-100, 1991.

DOS SANTOS, Eduardo Natalino. *Deuses do México Indígena: Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

\_\_\_\_\_. *Tempo, espaço e passado na mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.

DURÁN, Diego. *Historia de las Indias de Nueva España e Islas de la Tierra Firme*. México: Porrúa, 1984.

GÓMARA, Francisco López de. *Historia de La Conquista de Mexico*. 65. ed. Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007.

GRUZINSKI, Serge. *A águia e o dragão. Ambições Europeias e mundialização no século XVI*; tradução de Joana Angélica d'Avila Melo – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. *La colonización de lo imaginario: Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII*. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

JOHANSSON K, Patrick. *Moctezuma II Crónica de una muerte anunciada*. Caravelle (1988-), p. 29-54, 1998. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/carav\\_1147-6753\\_1998\\_num\\_70\\_1\\_2774](https://www.persee.fr/doc/carav_1147-6753_1998_num_70_1_2774)>. Acesso em: 1 jul. 2019.

LEVY, Buddy. *Conquistador. Hernán Cortés, Montezuma e a epopeia de resistência asteca*; tradução de Cristina Cavalcanti – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MADARIAGA, Salvador. *Hernan Cortês*; tradução de Jerônimo Monteiro – 1. ed. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1961.

MARCILLY, Jean. *A Civilização dos Astecas*; tradução de Luiza Tertulino Vieira – Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978.

MILLER, Hubert J. *Hernan Cortes; Conquistador and Colonizer. The Tinker Pamphlet Series for the Teaching of Mexican American Heritage*. 1972.

MORAIS, Marcus Vinícius de. *Hernán Cortez. Civilizador ou Genocida?* São Paulo: Contexto, 2011.

OTTE, Enrique. *Hernán Cortés*. México, Universidad Nacional Autónoma de México-Fondo de Cultura Económica 1990.

PASTOR, Marialba. *Hernán Cortés y sus fieles repetidores*. Historia y Grafía, n. 47, p. 91-114, 2016.

PAZ, Octavio. *O Labirinto da Solidão e Post Escripturn*; tradução de Eliane Zagury – 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PERASSI, Emilia. José Luis Trueba Lara, *Moctezuma*. Altre Modernità, n. 20, p. 304-307, 2018.

RIBEIRO, Alexandra Ferreira Martins et al. *As razões da conquista de Tenochtitlán (1519-1521) contidas na narrativa de Hernan Cortez*. Revista Thema, v. 15, n. 1, p. 186-196, 2018.

SOUSTELLE, Jacques. *A Civilização Asteca*; tradução de Maria Julia Goldwasser – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América. A questão do outro*; tradução de Beatriz Perrone-Moisés - 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

TZU, Sun. *A arte da guerra: os treze capítulos originais*; tradução de André da Silva Bueno –

São Paulo: Jardim dos Livros, 2017.

VAN ZANTWIJK, Rudolf. *La política y la estrategia militar de Cuitlahuatzin*. Estudios de cultura náhuatl, v. 41, p. 19-39, 2010.

## **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, Marcelo de Brito Freitas, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “A ingloria queda de Montezuma Xocoyotzin” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 26 de novembro de 2019.

---

Marcelo de Brito Freitas